

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A CULTURA ESCOLAR: COLÉGIO PAROQUIAL SANTO INÁCIO,  
SUAS FESTAS E COMEMORAÇÕES (1957-1965)**

**GESLAINE CRISTINA TAMIÃO PIOLA**

**MARINGÁ  
2013**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

**A CULTURA ESCOLAR: COLÉGIO PAROQUIAL SANTO INÁCIO,  
SUAS FESTAS E COMEMORAÇÕES (1957-1965)**

Dissertação apresentada por GESLAINE CRISTINA TAMIÃO PIOLA ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.  
Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador(a):  
Prof(a). Dr(a). EDNÉIA REGINA ROSSI.

MARINGÁ  
2013

GESLAINE CRISTINA TAMIÃO PIOLA

**A CULTURA ESCOLAR: COLÉGIO PAROQUIAL SANTO INÁCIO,  
SUAS FESTAS E COMEMORAÇÕES (1957-1965)**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ednéia Regina Rossi (Orientadora) – UEM – Maringá

---

Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta – UFPR – Curitiba

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaine Rodrigues – UEM – Maringá

MARINGÁ, \_\_\_\_ DE \_\_\_\_\_ DE 2013.

Dedico este trabalho a **Igor Almeida Piola**,  
meu pequeno príncipe e anjo em minha vida.  
Depois da tua chegada, minha vida teve luz  
e alegria. Te amo meu filho!

## AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, pelo discernimento e sabedoria em todos os momentos.

Aos meus pais, **Valdir e Cleide**, que me deram as condições necessárias para chegar até aqui, incentivando-me sempre.

Ao **meu marido**, amigo e confidente, que, nas horas certas soube estar presente com carinho e dedicação.

Ao **meu filho**, que, mesmo sem entender ainda o que significa, motivou a concretização deste trabalho.

À eterna e adorada professora **Luciana Figueiredo Lacanallo**, pelo incentivo, conselhos e apoio em todos os momentos da minha trajetória de vida.

À **Profª. Drª. Ednéia Regina Rossi**, orientadora dedicada e comprometida que me auxiliou na construção desta pesquisa.

Aos professores doutores, **Elaine Rodrigues, Mário Luiz Neves de Azevedo e Marcus Levy Bencostta**, pela seriedade com que apreciaram o meu trabalho no exame de qualificação.

A minhas amigas, **Francimara Finfa da Silva e Carla Adriane Arrieira**, pelas conversas e bate-papos ao longo de todos esses anos de convivência.

À **Direção do Colégio Santo Inácio e demais colaboradores**, que oportunizaram a minha pesquisa neste espaço.

À amiga **Helaine**, que, de maneira afetiva e efetiva, organizou e possibilitou a concretização deste trabalho.

Aos **funcionários do Programa de Pós Graduação – UEM, Hugo e Márcia**, pelo profissionalismo, disponibilidade e atenção com que sempre me atenderam.

Ao expressar que (...) escrever história é gerar um passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos, para construir, no presente, uma razão (...). É desnecessário lembrar que uma leitura passada, por mais controlada que seja pela análise dos documentos é sempre dirigida por uma leitura do presente (MICHEL DE CERTEAU, 1982).

PIOLA, Geslaine Cristina Tamião. **A CULTURA ESCOLAR: COLÉGIO PAROQUIAL SANTO INÁCIO, SUAS FESTAS E COMEMORAÇÕES (1957-1965)**. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ednéia Regina Rossi. Maringá, 2013.

## RESUMO

Nesta pesquisa, a intenção é contribuir com a construção da história da educação do Município de Maringá, mais especificamente, como campo de estudo das instituições escolares e de suas culturas. Como objeto de estudo, optou-se pela Escola Paroquial Santo Inácio, primeira escola confessional de ensino primário de Maringá. Por meio do resgate de suas práticas festivas e de suas comemorações cívicas e religiosas, busca-se dar visibilidade ao projeto da educação católica naquele momento. As fontes documentais analisadas na pesquisa foram fotos de desfiles e de festas da escola, cartas, convites e informativos sobre a instituição, além de anotações feitas, na época, por irmãs e funcionários, no livro **Crônicas**. Buscou-se aporte teórico, para sustentar a construção da pesquisa, em autores como Roger Chartier, Dominique Julia, além de outros, como Bencostta (2011) e Vidal (1998), do campo da historiografia da educação, que auxiliaram, fundamentalmente, na aplicação da metodologia de trabalho com fotografias. Delimitou-se, como marco da pesquisa, o início da fundação da Escola, no ano de 1957, e o ano em que se implantou o último nível de ensino secundário, em 1965, e a instituição passou a chamar Escola Normal Colegial Santo Inácio. A partir das imagens iconográficas, buscou-se construir a memória da instituição e revelar as práticas educativas por ela instituídas, com a finalidade de implementar seu projeto de formação intelectual e humana pautada nos princípios cristãos. As imagens iconográficas das festas e comemorações da escola permitem observar o alinhamento dos acontecimentos cívicos e de aprendizado com o apelo catequético do universo propriamente católico, visto que ambas estavam igualmente inseridas no calendário comemorativo da escola.

**Palavras-chave:** História da Educação de Maringá. Instituições e Cultura Escolares. Ação Educacional Católica em Maringá.

PIOLA, Geslaine Cristina Tamião. **SCHOOL CULTURE: SANTO INÁCIO PAROCHIAL SCHOOL, ITS PARTIES AND COMMEMORATIONS (1957-1965)**. 98 f. Dissertation (Master's Degree in Education) – State University of Maringá. Guidance: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ednéia Regina Rossi. Maringá, 2013.

## **ABSTRACT**

The purpose of this research is to contribute to the making of the history of education in the city of Maringá as a field of study of the schools and their cultures. The chosen object of study was Santo Inácio Parochial School, the first confessional primary school of Maringá. It is through the rescue of their festive practices and civic and religious commemorations that we seek to give visibility to the project of Catholic education at that time. The data analyzed in this research were parade and school parties' pictures, letters, invitations and journals of the institution besides notes taken on the book **Crônicas** by nuns and staff at that time. Roger Chartier, Dominique Julia and few other authors were used as theoretical contribution to support the making of the research. Bencostta (2011) and Vidal (1998) are authors from the historiography of education whose theories have assisted on the implementation of the methodology of working with photos. The beginning of the founding of the school in 1957 and the year in which they implanted the last level of secondary education in 1965, when the institution was renamed Santo Inácio Normal High School, were delimited as landmark research. From the iconographic images, we attempted to build the institution's memory and reveal the educational practices instituted by it, in order to implement its project of intellectual and human formation based on Christian principles. The iconographic images of parties and celebrations of the school allows to observe the alignment of learning and civic events with the catechetical universe appeal as both were also inserted in the calendar commemorating the school.

**Keywords:** History of Education of Maringá. Institutions and School Culture. Catholic Educational Action in Maringá.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Vila Operária na segunda metade da década de 1960 .....	29
<b>Figura 2:</b> Igreja São José Operário.....	30
<b>Figura 3:</b> Escola Paroquial Santo Inácio.....	35
<b>Figura 4:</b> Visita do Bispo à Escola Paroquial Santo Inácio .....	37
<b>Figura 5:</b> Recepção das crianças para o Bispo .....	38
<b>Figura 6:</b> Alunos na frente da Escola Paroquial Santo Inácio.....	40
<b>Figura 7:</b> Prédios e sala de aula do curso de corte e costura do Colégio Santo Inácio.....	42
<b>Figura 8:</b> Prédio de dois andares do Colégio Santo Inácio.....	44
<b>Figura 9:</b> Construção do prédio da Avenida Mauá .....	46
<b>Figura 10:</b> Casa- mãe em <i>Osnabruck</i> Alemanha.....	52
<b>Figura 11:</b> Primeiras irmãs da Congregação Missionária do Santo Nome de Maria em Maringá.....	58
<b>Figura 12:</b> Comunidade Missionária das irmãs no ano de 1956.....	59
<b>Figura 13:</b> Noviciado Rainha da Paz .....	60
<b>Figura 14:</b> Centro Espiritual Rainha da Paz .....	61
<b>Figura 15:</b> Festa Junina do Colégio Santo Inácio .....	67
<b>Figura 16:</b> Alunos do Colégio Santo Inácio na Festa Junina .....	68

<b>Figura 17:</b> Dança dos alunos na Festa Junina .....	69
<b>Figura 18:</b> Quadrilha dos alunos na Festa Junina .....	70
<b>Figura 19:</b> Formatura dos alunos do Colégio Santo Inácio.....	73
<b>Figura 20:</b> Autoridades e convidados na Formatura dos alunos do Colégio Santo Inácio.....	74
<b>Figura 21:</b> Apresentação dos alunos do Jardim de Infância do Colégio Santo Inácio .....	75
<b>Figura 22:</b> Formatura das alunas do Colégio Santo Inácio.....	76
<b>Figura 23:</b> Formatura dos alunos do Colégio Santo Inácio.....	78
<b>Figura 24:</b> Comemoração do Dia da Árvore .....	79
<b>Figura 25:</b> Hasteamento das bandeiras.....	82
<b>Figura 26:</b> Desfile do aniversário de Maringá .....	83
<b>Figura 27:</b> Primeira Comunhão dos alunos do Colégio Santo Inácio .....	86
<b>Figura 28:</b> Visita da Primeira Comunhão na Paróquia São José Operário .....	86
<b>Figura 29:</b> Confraternização dos alunos após a Primeira Comunhão .....	87
<b>Figura 30:</b> Festa dos alunos após a Primeira Comunhão.....	87
<b>Figura 31:</b> Corpo de Deus do Colégio Santo Inácio de 1964 .....	89
<b>Figura 32:</b> Alunos - Corpo de Deus do Colégio Santo Inácio .....	89

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
2	<b>ESCOLA PAROQUIAL SANTO INÁCIO E AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE MARINGÁ</b> .....	21
2.1	NASCE A VILA OPERÁRIA.....	28
3	<b>DE ESCOLA PAROQUIAL SANTO INÁCIO A ESCOLA NORMAL COLEGIAL SANTO INÁCIO</b> .....	32
3.1	ENSINO PRIMÁRIO E JARDIM DE INFÂNCIA: A ESCOLA PAROQUIAL SANTO INÁCIO.....	33
3.2	ENSINO SECUNDÁRIO: GINÁSIO SANTO INÁCIO E ESCOLA NORMAL COLEGIAL SANTO INÁCIO.....	41
4	<b>A EDUCAÇÃO CATÓLICA E A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DO SANTO NOME DE MARIA</b> .....	48
4.1	A CONGREGAÇÃO DO SANTO NOME DE MARIA.....	51
4.2	O CAMINHO PRÓPRIO DA CONGREGAÇÃO DO SANTO NOME DE MARIA.....	56
5	<b>A ESCOLA PAROQUIAL SANTO INÁCIO: SUA CULTURA ESCOLAR POR MEIO DAS FESTAS E COMEMORAÇÕES</b> .....	63
5.1	FESTAS JUNINAS.....	66
5.2	FORMATURAS.....	71
5.3	DIA DA ÁRVORE.....	78
5.4	COMEMORAÇÕES CÍVICAS.....	80
5.5	PRIMEIRA COMUNHÃO.....	84
5.6	FESTA DE CORPUS CHRISTI.....	88
6	<b>CONCLUSÃO</b> .....	91
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96

## 1 INTRODUÇÃO

O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história (LE GOFF, 1996, p. 24).

O estudo que apresento objetiva construir uma história e a memória da Escola Paroquial Santo Inácio nos primeiros anos de sua existência, mais especialmente, no período de 1957 a 1965, desvendando sua identidade por meio de suas práticas educativas.

Certeau (1982) afirma que a escrita é uma das diversas operações da prática historiográfica e que é preciso, primeiramente, indagar-se sobre o porquê da escrita e da pesquisa. Nessa perspectiva, indago qual a contribuição do estudo da memória de uma instituição escolar de Maringá para o campo da história da educação.

Este estudo tem como caráter relevante a preservação da memória de uma instituição educativa de Maringá, a primeira escola confessional de ensino primário da cidade. Por outro lado, este trabalho se insere no Grupo de Pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar (HEDUCULTES), mais especificamente, no aprofundamento e na investigação da cultura escolar. Voltar ao passado, por meio da cultura escolar, tem por objetivo desvendar as práticas instituídas pela escola e que visaram a um tipo específico de formação. Interessar-se pela memória das instituições escolares é também se preocupar com as identidades formativas destes espaços e o que foram capazes de produzir para realizá-las. Também significa identificar as rupturas ocorridas em seu interior e que implicaram o reordenamento de suas práticas formativas.

Nesse sentido, interessar-se pela memória da Escola Paroquial Santo Inácio, mais prioritariamente, de suas práticas festivas e de suas comemorações, possui objetivo de desvendar sua identidade institucional e de formação nos primeiros anos de sua existência, redimensionando o seu fazer no conjunto mais

geral da sociedade. Por outro lado, o fato de ser professora desta Instituição também motivou meu interesse por estudá-la.

Iniciei o meu trabalho na referida escola como docente do ensino fundamental no ano de 2008. Nesse período, o interesse em fazer parte do Programa de Mestrado da Universidade Estadual de Maringá era grande. Então, a partir de uma breve pesquisa sobre os temas que pudessem despertar o meu interesse e também ser significativo para a minha prática docente, descobri a riqueza das fontes que, até então, para mim eram apenas documentos antigos da escola.

Lembro-me que fui falar sobre a minha intenção em estudar a história do Colégio para a Irmã Angela. Na época, além de ser a diretora do Colégio, era supervisora geral da Congregação no Brasil. Pedi permissão para que pudesse levantar alguns dados para elaborar um projeto e ela deu o aval para a pesquisa. Então, iniciei um mundo de descobertas sem fim.

Para isso, precisei da ajuda de pessoas que, de certa forma, fazem parte da história do Colégio e que contribuíram para a organização do material e para que a pesquisa se tornasse real. Em primeiro lugar, devo destacar a secretária Getúlia, pela sua dedicação, compromisso e seriedade para com o Colégio, sendo uma das pessoas responsáveis pelo rico acervo de documentos, fotos e **Crônicas**. Devemos destacar o ineditismo dessa pesquisa, que possibilita a construção da memória da instituição pesquisada.

No decorrer dessa caminhada, conheci também a Irmã Mari, que se tornou diretora do Colégio Santo Inácio em 2010 e que, além de disponibilizar as fontes de pesquisa, emprestou vários livros da biblioteca do noviciado das irmãs.

A opção pelo recorte temporal se justifica pelo fato de o ano de 1957 marcar o início da fundação da Escola Paroquial Santo Inácio, ano de 1965 ser o ano em que a escola implanta o último nível do ensino secundário, passando a chamar Escola Normal Colegial Santo Inácio. Tendo iniciado suas atividades em 1957, atendendo o ensino primário, a partir de 1961, a escola implanta o primeiro ciclo do ensino secundário, o então Ginásio, e, em 1965, o segundo ciclo do ensino secundário, o Colegial. Assim, a mudança da nomenclatura, mais do que atender a uma normativa, chama a atenção pelo que significou para a alteração

da identidade da escola. Ao assumir o ensino secundário, muitos alunos conseguiam bolsas de estudo, passando a fazer parte do Colégio, alterando o seu perfil inicial.<sup>1</sup>

Este trabalho procura se aproximar das discussões no campo da História da Educação que, ao utilizar as fotografias como fontes documentais, busca, na imagem registrada, elementos que permitam dar visibilidade a uma cultura escolar vivida. Ao mesmo tempo, possibilita constituir e deixar à mostra os ricos elementos que compõem o espaço escolar como um espaço propositivo e com fins bastante claros de formação.

O conceito de cultura escolar tem sido alvo, recentemente, de uma crescente atenção. É um fascinante termo moderno, usado na discussão dos problemas correntes e em temáticas escolares. A cultura escolar é, também, mencionada nas relações entre reforma escolar, inovações pedagógicas, autonomia e desenvolvimento das escolas. É um conceito que expressa uma situação ótima, uma vez que enfatiza as deficiências da actual situação. Abrange os nossos desejos (como desejaríamos que fosse a escola), expectativas (como deveria ser a escola) e a normatividade do processo de educação (o que a escola tem e consegue) (POL *et al.*, 2007, p. 63).

Tudo que está vinculado à escola faz parte da cultura escolar. O espaço escolar, de modo geral, transmite a sua cultura a todos os indivíduos que estão envolvidos no processo, professores, funcionários, família e alunos.

A cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias. Na sua interpretação, englobando tudo o que acontecia no interior da escola (GATTI JÚNIOR; INÁCIO FILHO, 2005, p. 147).

Os fatos no interior da escola são manifestações da cultura escolar. As fontes documentais analisadas na pesquisa foram fotos de desfiles e de festas do

---

<sup>1</sup> Os níveis de ensino funcionavam de acordo com a Lei nº 4.024/61, ou seja, o Ensino Primário era dividido em 1º ano, 2º ano, 3º ano e 4º ano; depois os alunos faziam o exame de admissão ou escolhiam fazer o 5º ano, para depois passar para o ginásial que era distribuído em 1ª série, 2ª série, 3ª série e 4ª série; depois passavam para o colegial, que tinha duração de três anos assim distribuído: Científico (para os alunos que quisessem seguir os estudos na área de ciências biológicas), Clássico (voltado para os cursos da área de humanas), Normal (para lecionar) e Contabilidade (direcionada para os números).

colégio, cartas, convites, informativos sobre as comemorações da instituição, além das anotações feitas, na época, por irmãs e funcionários da escola. Para Chartier (2002), a escolha das fontes define os aspectos essenciais que vão nortear a pesquisa, pois, ao interrogar as fontes, o historiador direciona o caminho que vai percorrer em seu trabalho.

É preciso considerar que a opção por investigar imagens adveio do contato desta pesquisadora com o material disponível no Colégio Santo Inácio e da percepção de que a Instituição possui um acervo iconográfico datado e organizado de acordo com a cronologia dos eventos que realizou ou dos quais participou. Muitos recortes de publicações impressas, como jornais, que veiculavam informações e notícias sobre a escola foram também preservados. Embora a escola não possua nenhum arquivo documental organizado de forma técnica, com a constituição de um espaço físico específico, acredito que a sua memória tem sido preservada de forma exemplar, facilitando, assim, o trabalho de pesquisa.

Os documentos do colégio estão organizados de duas maneiras. A primeira por meio das chamadas **Crônicas do Colégio Paroquial Santo Inácio**, que possui o formato de um livro ou caderno brochura, lembrando, muitas vezes, um diário da Instituição. Nele, estão anotados e destacados muitos eventos, obedecendo a uma apresentação cronológica da Instituição, sendo conservada a sua materialidade, por meio de fotos, convites e recortes de jornais. Também são anotados e registrados acontecimentos do Colégio no decorrer dos anos, como, por exemplo, os aspectos da construção física, quantidade de alunos, lista dos professores e das suas respectivas turmas, assim como os assuntos que seriam decididos nas reuniões. Uma segunda organização seriam CDs com fotos escaneadas e digitalizadas sobre as atividades desenvolvidas pela Congregação das Irmãs do Santo Nome de Maria.

É importante considerar que essa prática de conservação é realizada até os dias atuais. O Colégio continua com a construção de sua **Crônica**<sup>2</sup>, tendo uma

---

<sup>2</sup> De acordo com a definição no dicionário Aurélio: “a **Crônica** é uma narração histórica, por ordem cronológica. Pequeno conto, de enredo indeterminado. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal. Seção de revista ou de jornal. Conjunto de notícias sobre alguém ou algum assunto” (FERREIRA, 2008, p. 277).

pessoa responsável por esta atividade. Cada uma das Instituições pertencentes à Congregação possui uma **Crônica** que preserva a memória institucional. Como afirma Le Goff (1996, p. 476), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar **identidade**, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (grifo do autor).

Por entender a conservação da memória como um importante elemento para a preservação de uma identidade, merece destaque o zelo e o cuidado que as irmãs possuem com a memória Institucional. Neste aspecto, é importante apresentar a quantidade de imagens registradas e seus respectivos conteúdos (Quadro 1).

<b>Ano</b>	<b>Foto</b>	<b>Quantidade</b>
1958	Entrega dos diplomas do 4º ano e do jardim	1
	Visita do Bispo à escola	3
	Construção da terceira parte da escola e da casa das irmãs	2
	Desfile do aniversário da nossa cidade	2
	Festa de São João	2
	Primeira comunhão	1
	Entrega do diploma dos alunos formandos	1
1960	Turma de alunos	1
	Festa de São João	3
	Batismo de alunos	1
	Primeira comunhão	3
	Festa da Primeira Comunhão	2
	Entrega do diploma dos alunos formandos	6
1961	Prédio novo do colégio	3
	Entrega dos diplomas dos alunos formandos	2
	Novo prédio	2
1962	Festa dos professores e irmãs	5
	Festa junina	4
1963	Reunião dos professores e irmãs	1
1964	Primeira Comunhão	1
1965	Sem fotos	0
<b>TOTAL DAS FOTOS</b>		<b>46</b>

**Quadro 1:** Referência sobre as fotos localizadas dentro da Crônica do Colégio Santo Inácio no período de 1957-1965

Além dessas imagens, outras foram salvas de forma eletrônica, dando materialidade a muitos feitos da Congregação em sua trajetória na cidade de

Maringá e no mundo. Há muitas imagens de festividades cívicas e religiosas, além de trabalhos missionários desenvolvidos em diversas localidades. O quadro abaixo busca dar visibilidade aos conteúdos presentes nestes CDs.

<b>Fotos</b>	<b>Quantidade</b>
Histórico da Congregação	63
20 anos de Brasil	22
Anos 1995, 1996 e 1997	11
Alemanha e Suécia	14
Anos de 1994 a 1996	9
Anos de 2003 a 2009	16
Encontros diversos, assembleias	4
Festas juninas (irmãs)	4
Fotos antigas diversas	30
Alemanha (irmãs)	37
Trabalho missionário	33
Irmãs	12
Noviciado	3
Paraguai	2
Rainha da Paz	2
Sinop	3
<b>TOTAL DAS FOTOS</b>	<b>265</b>

**Quadro 2:** Relação de fotos que foram escaneadas dos documentos e que estão salvas em CDs

Nesses CDs, não encontramos imagens de festas ou de acontecimentos ocorridos dentro da Escola Paroquial Santo Inácio. É possível observar que as imagens preservadas têm por objetivo registrar a memória da Congregação e suas mais variadas experiências em diversas regiões e países.

O levantamento das imagens iconográficas foi importante para dimensionar a sua variedade. O primeiro contato com este material possibilitou recortar a temática a ser abordada no interior da cultura da escola, qual seja, as festas, eventos e comemorações da Escola Paroquial Santo Inácio.

É importante considerar que diversas são as fontes de pesquisa utilizadas para a escrita da história. Dentre as opções mais recentes na historiografia da educação, as fotografias têm se constituído em um rico material, pois permitem ao pesquisador elaborar um questionamento da própria imagem no que ela busca representar ou transmitir para o seu leitor. Para Burke (2001), utilizar as fotografias como fonte histórica enriquece o conhecimento do passado, porque o

historiador utiliza-se de técnicas para analisar as fotografias por meio da crítica. A análise apresenta sempre uma intenção imediata do historiador, que conduz o olhar de quem ousa explorar a sua imagem.

As imagens fotográficas são perspectivadas pelo olhar de quem as tirou. O seu registro não é neutro. Ele se processa a partir das opções e escolhas de quem procurou a melhor cena para ser retratada, o melhor posicionamento para obter a imagem, as intenções de destaque ou de ocultamento na imagem, congelando um desejo que busca evidenciar. Como afirma Kossoy (2001, p. 47), “toda a fotografia foi produzida com uma certa finalidade”. Para Vidal (1998, p. 76),

[...] no século XIX, a fotografia poderia ser percebida como neutra, porque representava como resultante de um processo mecânico de apreensão do real em que se elida a participação mesma do fotógrafo na sua construção, atualmente é consenso entre os historiadores que essa neutralidade deve ser questionada.

As fotografias transmitem informações e ações que o fotógrafo retratou com certa finalidade que deve ser sempre questionada. As fotos são mais que imagens puras ou de paisagens, elas foram transformadas em documentos e fontes pelos pesquisadores da história e história da educação. As imagens fotográficas, como fontes documentais, são textos que carecem de interpretação. É necessário lançar-lhes perguntas: Por que foram tiradas? Qual a importância da foto para quem a tirou? A que a imagem remete? Quem são os atores envolvidos na imagem? Essas e muitas outras perguntas podem ser importantes para a análise do historiador.

No campo educacional, as fotografias podem se constituir em uma fonte inesgotável de questionamentos e de análise. Por meio delas, é possível materializar realidades educacionais vividas em outros tempos, deixar ver o espaço físico e material das salas de aula, dos materiais didáticos, das carteiras, do pátio escolar e os uniformes utilizados. O olhar perspicaz do pesquisador deve atentar para o detalhe que se esconde, para o não valorizado ou para o que salta aos olhos. Como afirma Bencostta (2011, p. 408-409),

[...] as fotografias inscrevem-se na imanência do tempo presente, nos acontecimentos significativos para professores, alunos e funcionários, partícipes dessa temporalidade do agora, e assim, ela se constitui em um instrumento de memória institucional e de recordação. Nesse sentido, entendemos que a potencialidade significativa das fotografias escolares é portadora de elementos para a compreensão das culturas manifestadas no universo escolar (BENCOSTTA, 2011, p. 408-409).

Por um lado, as fotografias guardam em sua materialidade a recordação e a lembrança do vivido e, por outro, remetem a significados de um tempo e de um grupo de sujeitos pertencentes a um universo institucional específico. Assim, as fotografias escolares possibilitam a reconstituição material das diferentes culturas presentes em seu ambiente. Ela é um testemunho visual e autoriza a percepção de outra dimensão no conhecimento histórico, como afirma Bencostta (2011). A fotografia é a representação de um acontecimento por meio da imagem, que o historiador interpreta de acordo com as suas intencionalidades, enfatizando traços que objetiva destacar em sua pesquisa. Contudo, essas imagens encerram elementos, muitas vezes, pouco palpáveis em outras fontes. Elas transmitem, emoções, sensações e lembranças. A recepção desses significados exige sensibilidade e perspicácia de quem as interpreta.

No processo de construção da memória da Escola Paroquial Santo Inácio, foi necessário buscar apoio para interpretar elementos encontrados nas imagens iconográficas e nas atividades desenvolvidas. A conversa informal, com antigas funcionárias e com irmãs do Colégio, contribuiu para atribuir significados a algumas imagens, símbolos e escritas da **Crônica**. Como afirma Pesavento (2005, p. 41):

As representações são também portadores do simbólico, ou seja, dizem mais do que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.

Nesta perspectiva, ao utilizar fotografias como fontes, busquei questioná-las, procurando desvendar elementos e símbolos que permeavam as imagens. Convém esclarecer que, neste trabalho, entende-se história como uma narrativa

que se desenvolve a partir de um problema, sem a pretensão de ser caracterizada como verdade absoluta dos fatos. Diante dos elementos pesquisados, não se tem a ambição de trabalhar com a fonte como base de verdade, mas como uma representação que faz sentido para quem a produziu.

O conceito de representação é definido como o que:

[...] faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro é a apresentação de uma presença, uma apresentação pública de uma coisa ou uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é (CHARTIER, 1991, p. 184).

As representações construídas sobre o mundo não só as colocam no lugar desse mundo, como também fazem com que os sujeitos percebam a realidade e pautem a sua existência a partir delas. São matrizes geradoras de condutas e de práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido a um mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2005). Nesse sentido, a representação não é estática. Ela tem a função de transmitir uma percepção singular para o coletivo. Assim, construir história é escrever sentido, pois se constrói sentido pelas representações.

Como aporte teórico para a construção da narrativa histórica da Escola Santo Inácio, baseie-me nas teorias desenvolvidas por Certeau (1982), Chartier (2002) e Julia (2001), além dos estudos realizados por Bencostta (2010; 2011) e Vidal (1998; 2005).

A narrativa se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, **Introdução**, é apresentada a trajetória de construção da pesquisa, os seus objetivos, as justificativas e a sua metodologia. Além disso, conceitos como cultura escolar e representação são abordados, explicitando ao leitor as opções analíticas que conduziram a pesquisa. Optou-se também por fundamentar a utilização da fotografia como fonte para a pesquisa historiográfica, uma vez que ela se constituiu na principal fonte deste trabalho.

Na segunda seção, intitulada **Escola Paroquial Santo Inácio e as instituições de ensino de Maringá**, intenciona-se recuperar a memória e a história da instituição, sua fundação e trajetória de ensino, remetendo a uma análise do município de Maringá, bem como a rede de instituições de ensino da época.

A terceira seção, denominada **De Escola Paroquial Santo Inácio a Escola Normal Colegial Santo Inácio**, descreve a fundação da Escola Paroquial Santo Inácio por meio da leitura e análise da **Crônica** da Instituição. Convém ressaltar mais uma vez que a instituição foi inaugurada no ano de 1957 e passou a ser Escola Normal Colegial Santo Inácio quando começou a atender alunos do Ginásio e a ofertar a Escola Normal. Analisa-se, então, nesse capítulo, toda a trajetória da Instituição por meio das imagens iconográficas.

Na quarta seção, **A Educação Católica e a Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria**, conta-se a história da Congregação desde a sua fundação na Alemanha até a chegada ao Brasil, mais precisamente, na cidade de Maringá, e como foi o desenvolvimento da Igreja Católica no Brasil.

Na quinta seção, intitulada **A Escola Paroquial Santo Inácio: sua cultura escolar por meio das festas e comemorações**, empreendem-se reflexões sobre as festas e comemorações cívicas e religiosas do colégio, bem como se analisa a cultura escolar difundida para a construção de uma identidade cultural.

## **2 ESCOLA PAROQUIAL SANTO INÁCIO E AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE MARINGÁ**

Iniciar uma narrativa que se propõe a recuperar a memória e a história de uma Instituição de ensino de Maringá, a Escola Paroquial Santo Inácio, levou a uma primeira inquietação. Em que circunstâncias e sob qual contexto ela teria sido fundada. Sua fundação, segundo os documentos analisados, data de 01 de março de 1957. Contudo, as condições ou os motivos que levaram os sujeitos a realizar este feito antecedem este marco e remetem a uma análise do Município de Maringá e de sua rede de instituições de ensino na época.

Primeiramente, convém esclarecer que a Escola Paroquial Santo Inácio foi a primeira Instituição de ensino confessional católica que inicia suas atividades com crianças do Ensino Primário e do Jardim de Infância em Maringá. O contexto que oportuniza sua criação é bastante particular e merece ser registrado.

A escola nasceu quando o Município de Maringá tinha apenas nove anos de existência. Fundada em 10 de maio de 1947, como distrito de Mandaguari, pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, o crescimento urbano obedeceu a um plano de desenvolvimento idealizado pelo arquiteto e urbanista paulista Jorge de Macedo Vieira, contratado pela Companhia, responsável pela criação do projeto que fora considerado como um dos mais arrojados e modernos para a época.

O arquiteto e urbanista desenhou a cidade de Maringá sem conhecer a sua localidade, seguindo apenas orientações da Companhia que exigia praças, ruas e avenidas largas e a preservação do verde nativo. Tais preocupações ainda podem ser observadas pelos traçados das ruas amplas, em curva de nível, e as avenidas com canteiros centrais. Todas as ruas receberam arborização em suas calçadas e as avenidas, em seus canteiros centrais.

Logo após a sua fundação, foi atribuída à Maringá a função de polo regional, como núcleo de comercialização da produção agrícola, centro de abastecimento, negociação de terras, prestação de serviços, entre outras. Assim, Maringá atraía não apenas imigrantes em busca de nova fronteira agrícola para o

plântio e cultivo do café, mas também sujeitos de diferentes regiões interessados nas atividades econômicas urbanas. Assim, no primeiro censo demográfico de que participou, em 1950, somente três anos após sua fundação, já contava com 38.588 habitantes e, mesmo considerando-se que a grande maioria, 81,2%, vivia no campo, formava-se um significativo núcleo urbano com mais de 7.000 habitantes.

O rápido crescimento nas duas primeiras décadas, mostrado na tabela a seguir, está diretamente relacionado à expansão da fronteira agrícola com o plantio do café. Enquanto a redução da velocidade do crescimento populacional nos anos de 1960 está ligada à erradicação do cafeeiro, o que provocou, no período, perda absoluta de 28.849 pessoas da zona rural que migraram para outras regiões e estados ou para a zona urbana.

<b>Anos</b>	<b>População</b>	<b>Taxa de urbanização em %</b>
1950	38.858	18,8
1960	94.448	46,8
1970	123.106	82,6

**Quadro 3:** Taxas de crescimento populacional e de urbanização de Maringá  
**Fonte:** Censos Demográficos do IBGE e estimativa IBGE.

Nos anos 1970, ainda como consequência da redução do cultivo do café e da introdução de novas culturas no campo, menos demandadoras de mão-de-obra e mais intensivas de capital, a população do campo continuou diminuindo em termos absolutos. O que indica uma intensificação do processo de urbanização como decorrência das atividades econômicas.

Com o tempo e o desenvolvimento econômico da cidade, acrescido do aumento populacional e do número de crianças em idade escolar cada vez maior, cresceu a demanda por instituições educacionais, públicas ou privadas, que pudessem atendê-las.

No transcorrer das décadas de 1940 e 1950 é possível observar a expansão significativa no número de escolas em Maringá. O crescimento teria sido estimulado pela política do primeiro prefeito da cidade, Inocente Villanova Júnior, que, segundo Schaffrath (2003, p. 17) teria “[...] como uma das principais

preocupações, construir um número muito grande de escolas, seguindo a tendência nacional de ampliação da rede escolar” (SCHAFFRATH, 2003, p. 17).

Dessa maneira, oito escolas foram criadas entre 1946 e 1949, e outras 29 durante a década de 1950, evidenciando a existência de uma significativa oferta de ensino em Maringá. Do total de 37 escolas existentes apenas cinco se localizavam na área urbana, e as demais, 35 delas, estavam em áreas rurais do município. As salas de aulas destas escolas eram multiseriadas, ou seja, atendiam simultaneamente, em uma mesma sala, alunos de idades variadas e escolaridades diferentes. Segundo Schaffrath (2003), de acordo com o registro do Patrimônio Público Municipal, a preocupação com o ensino era com o ler e o escrever, o município era responsável pelas alterações no programa de conteúdos, devendo seguir as exigências do Estado do Paraná.

Na tabela abaixo são mapeadas as escolas rurais e urbanas, particulares e públicas que foram fundadas no município de Maringá, desde a sua criação até o ano de 1965, marco temporal final da presente pesquisa. Abaixo, o quadro que se apresentava no momento da criação do Colégio Paroquial Santo Inácio e nos anos que seguiram após a sua fundação.

<b>Ano de fundação</b>	<b>Escola</b>	<b>Desativação ou informações</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
1946	Escola Estadual Osvaldo Cruz	Foi criada com o nome de Grupo Escolar Maringá Novo (pertencente a Mandaguari) em 1955 passou a ser municipal em 2006 denominando-se de Grupo Escolar Osvaldo Cruz.	
1946	Casa Escolar de Maringá	Em 1947, passou a Escola Isolada Maringá Velho que em 1948, passou a denominar-se Visconde de Nácar. Em 1976, juntou-se com a Escola Castro Alves e formou o Colégio Estadual Gerardo Braga.	
1946	Escola Rural Municipal Barão do Rio Branco	Em 1962, foi desativada.	
1947	Escola Rural Municipal Castro Alves	Em 1980, tornou-se, escola Municipal João Gentilin.	

(continuação)....

1948	Escola Rural Municipal Machado de Assis	Em 1978, passa a denominar-se Machado de Assis.	
1949	Escola Rural Municipal Álvares Penteadó	Tornou-se, a Escola Victor Belotti.	
1950	Escola Rural Municipal D. Pedro II	Tornou-se, a Escola Ruy Alvino Alegretti.	
1950	Escola Rural Municipal Tiradentes	Em tornou-se, no ano de 1981, as escolas rurais agrupadas da Escola Municipal Delfim Moreira.	
1952	Escola Rural Municipal Afonso Pena	Em 1981, tornaram-se escola municipal Ruy Alvino Alegreti.	
1952	Escola Rural Municipal Quintino Bocaiuva		
1952	Escola Rural Municipal Barão de Cerro Azul	Tornou-se, no ano de 1981, a Escola Municipal Victor Beloti.	
1952	Ginásio Maringá depois	Colégio Marista Maringá	176
1953	Escola Rural Municipal José de Alencar	Tornou-se, no ano de 1981, as escolas rurais agrupadas da Escola Municipal Delfim Moreira.	
1953	Escola Rural Municipal Benjamin Cosntant	Tornou-se, no ano de 1981, as escolas rurais agrupadas da Escola Municipal Delfim Moreira.	
1953	Escola Rural Municipal Cantagali	Tornou-se, em 1974, a Escola Rural Municipal Nilo Peçanha.	
1953	Escola Rural Municipal Anita Garibaldi	Tornou-se, em 1981, a Escola Municipal João Gentilin.	
1953	Escola Rural Municipal Bandeirantes	Tornou-se, no ano de 1981, a Escola Municipal Ruy Alvino Alegretti.	
1953	Escola Rural Municipal João T. Soares	Tornou-se, em 1979, a Escola Municipal Victor Beloti.	
1953	Colégio Santa Cruz		97
1954	Escola Rural Municipal Santos Dumont	A Escola Municipal Santos Dumont, em 1981, passou a ser da Escola Municipal Jardim Kosmos.	
1954	Escola Rural Municipal Frei Timóteo	A Escola Rural Municipal Frei Timóteo passou, em 1979, a denominar-se Escola Municipal Victor Beloti.	
1954	Escola Rural Municipal Júlia da Costa	Tornou-se Escola Municipal Delfim Moreira.	

(continuação)...

1954	Escola Rural Municipal Conselheiro Jesuíno Marcondes	Tornou-se em 1981, Escola Municipal João Gentilin.	
1955	Escola Rural Municipal Epitácio Pessoa	A Escola Rural Municipal Epitácio Pessoa, em 1981 tornou-se Escola Municipal Delfim Moreira	
1955	Escola Rural Municipal Cristovão Colombo	Tornou-se, em 1981, Escola Municipal Delfim Moreira.	
1955	Escola Rural Municipal Teixeira Freitas	A Escola Rural Municipal Teixeira de Freitas tornou- se, em 1979, Escola Municipal João Gentilin.	
1955	Escola Rural Municipal Princesa Isabel	A Escola Rural Municipal Princesa Isabel, em 1981, tornou-se Victor Beloti.	
1955	Escola Rural Municipal Olavo Bilac	A Escola Rural Municipal Olavo Bilac tornou-se, Escola Municipal Victor Beloti, em 1979	
1957	Colégio Santo Inácio		140
1969	Escola Estadual Gabriela Mistral	Em 1975, passou a denominar-se Escola Gabriela Mistral, fazendo parte do complexo escolar Giampero Monacci, com a junção do curso supletivo do Grupo Escolar Anita Garibaldi.	
1957	Escola Rural Municipal Dom Bosco	A Escola Rural Municipal Dom Bosco, em 1979, deve o seu desligamento e, no ano de 1981, ficou denominada como Escola Municipal João Gentilin.	
1958	Escola Rural Municipal Néo Alves Martins	A Escola Rural Municipal Néo Alves Martins, em 1981, juntou-se à atual Escola Municipal Victor Beloti.	
1958	Escola Rural Municipal Silva Jardim	A Escola Rural Municipal Silva Jardim em 1976, foi desativada.	
1958	Escola Rural Municipal Marcílio Dias	A Escola Rural Municipal Marcílio Dias, em 1974; foi transferida para a antiga Escola Rural Municipal Cantagali e, em 1978, tornou-se Escola Municipal Fernão Dias.	

(continuação)...

1958	Escola Rural Municipal São Bento	A Escola Rural Municipal São Bento, em 1974, foi transferida para a antiga Escola Rural Municipal Cantagali e, em 1978, tornou-se Escola Municipal Fernão Dias.	
1959	Escola Rural Municipal Octávio Periotto	A Escola Rural Municipal Octávio Periotto, em 1974 foi transferida para a antiga Escola Rural Municipal Cantagali e, em 1978 tornou-se, Escola Municipal Fernão Dias.	
1960	Escola Rural Municipal Carlos Gomes	A Escola Rural Municipal Carlos Gomes, em 1979, foi desativada e, em 1981, tornou-se Escola Municipal Ruy Alvino Alegretti.	
1962	Escola Rural Municipal D. Pedro II	A Escola Rural Municipal D. Pedro II, em 1974 passou a antiga Escola Rural Municipal Cantagali e, em 1978 à Escola Municipal Fernão Dias.	
1963	Escola Rural Municipal Santos Dumont	A Escola Rural Municipal Santos Dumont, em 1981, tornou-se, a Escola Municipal Jardim Kosmos.	
1965	Escola Municipal Manoel Ribas	A Escola Rural Municipal Manoel Ribas, em 1979, passou a ser Escola Machado de Assis.	
1965	Escola Rural Municipal César Lattes	A Escola Rural Municipal César Lattes, em 1979, foi desativada e, em 1981, foi transferida para a Escola Municipal João Gentilin.	

**Quadro 4:** Lista das escolas do município de Maringá (1946-1965)

**Fonte:** Secretaria de Educação do Município e Núcleo Regional de Educação e escolas particulares de Maringá.

Pelo Quadro 4, é possível observar que algumas escolas foram desativadas, outras tiveram seus nomes modificados e outras não sofreram modificações e estão ativas até o presente. É possível observar, também, que as escolas municipais se estendiam em larga escala para a área rural, uma vez que 81,2% da população do município, naquele momento, residia na área rural.

Embora a realidade se modifique gradativamente, com o rápido crescimento urbano do município, o objetivo é dar visibilidade ao leitor do panorama de instituições escolares existentes em Maringá no momento da criação da Escola Paroquial Santo Inácio.

Assim, em 1957, ano de sua criação, o município contava com um total de 28 instituições de ensino primário e ginásial. Contudo, dentre elas, apenas quatro estavam na zona urbana da cidade. Destas, duas eram públicas e de ensino primário e duas eram particulares e de ensino ginásial. Não foi encontrado registro de nenhuma outra instituição e o quadro que se apresentava era o de que a zona urbana contava apenas com duas escolas públicas de ensino primário para atender os seus aproximadamente 7.300 habitantes. Das duas escolas, uma se localizava na parte velha da cidade (Maringá Velho) e a outra, na parte nova.

No transcorrer da década de 1950, Maringá salta de pouco mais de 7.300 para 44.200 habitantes na zona urbana. O crescimento abrupto trouxe consigo a necessidade de ampliação do número de escolas existentes e a criação de novas vagas que pudessem atender as crianças, filhos de seus moradores. É neste contexto de crescimento urbano que se instalaram na cidade as primeiras escolas particulares de Maringá, todas vinculadas à Igreja Católica, contudo pertencentes a diferentes congregações. A primeira instituição fundada, em 1952, foi o Colégio Marista, a segunda, em 1953, o Colégio Santa Cruz, e a terceira, em 1956, o Colégio Paroquial Santo Inácio, objeto desta investigação.

As escolas particulares católicas foram criadas em Maringá, com o apoio do Bispo da cidade, Dom Jaime Luiz Coelho, que as auxiliou em aspectos econômicos, políticos e religiosos.

O desenvolvimento urbano da cidade, como já assinalado, aconteceu de forma acelerada. Com a expansão geográfica da cidade, surgiram novos bairros, dentre os mais populosos da cidade, está o Bairro Vila Operária. Local onde foi criada a primeira escola confessional católica de ensino primário de Maringá, a Escola Paroquial Santo Inácio, em 1956.

## 2.1 NASCE A VILA OPERÁRIA

A Vila Operária formou-se com a expansão geográfica da cidade, durante os seus primeiros anos de existência. É um dos bairros mais antigos e foi, durante muito tempo, o mais populoso do município. O seu crescimento e a grande concentração de moradores foram impulsionados pelo baixo valor de seus lotes, que atraiu muitos trabalhadores e pequenos comerciantes que a se instalaram ali.

O bairro recebeu o nome de Vila Operária, revelando o que o distinguiria dos demais da cidade. Era o bairro mais afastado do restante da cidade e que abrigava a maioria dos seus trabalhadores e operário. Recebeu habitantes de diferentes núcleos populacionais de toda a região do Paraná e também de outros estados.

A construção das residências era, em sua maioria, feita de madeira das árvores da redondeza. O bairro ficava afastado do centro da cidade. Na década de 1950, a Vila Operária era considerada como zona periférica da cidade e nela se desenvolveram prostíbulos e centros de candomblé e umbanda. O lugar concentrava o maior colégio eleitoral da cidade e elegeu, em 1952, um de seus moradores como o primeiro prefeito da cidade, o empresário Inocente Vilanova Júnior.

Na Figura 1, a Vila Operária aparece em primeiro plano. É possível observar a extensão geográfica do bairro, que fica na região anterior à reserva florestal, atual Parque do Ingá, que aparece bem ao centro. Se comparada com a região posterior à reserva florestal, que era a região central, percebe-se a grande extensão e a grande quantidade de moradias existentes nesta.



**Figura 1:** Vila Operária na segunda metade da década de 1960

**Fonte:** Site Maringá Histórica.

Naquela época, 1960, o município tinha apenas oito anos de fundação, mas já se apresentava como uma cidade bem desenvolvida. A imagem deixa ver as avenidas e ruas largas e planejadas. Focando bem o Bairro Vila Operária, as vias que aparecem na imagem são (da direita para a esquerda): Avenida Mauá, Avenida Brasil, Rua Santos Dumont, Rua Néo Alves Martins, Rua Marcílio Dias e a Avenida Riachuelo (tem duas ruas abaixo, Rua Barroso e a Rua Inhaúma). No centro, a Avenida Paissandu, no sentido norte-sul, com a Praça Abilon de Souza Naves; contornando a reserva florestal, a Avenida Laguna e Avenida Anchieta. Todas as ruas e avenidas eram de chão de terra. O prédio maior, em destaque, na Avenida Riachuelo, era o antigo Cine Horizonte.

Com o desenvolvimento do bairro não demorou a organização da Igreja Católica para se fazer presente. Em 1950, primeiramente, foi construída uma capela que, em 1954, tornou-se, a Igreja São José, administrada por padres jesuítas.



**Figura 2:** Igreja São José Operário  
**Fonte:** Ueta - Arquivo pessoal.

A imagem se refere à Igreja São José Operário, localizada na Vila Operária, no ano de 1951, sua construção já era de alvenaria. A paróquia tinha um tamanho considerável para a época, já que a cidade tinha poucos anos de fundação. Na avenida e nas ruas laterais à Igreja, o chão era de terra. A estrutura da igreja, para a época, era moderna.

Os padres jesuítas vendo o perfil dos fiéis que iam até à igreja e sendo poucos para atender a um bairro tão populoso, pediram ao Bispo para que enviasse uma carta para uma congregação de irmãs, da Europa, para que elas pudessem vir em missão ao Brasil auxiliá-los nas mais diversas atividades da Igreja. A congregação que aceitou ao pedido do Bispo de Maringá foi a Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria que, ao chegarem ao Brasil, iniciaram suas atividades em Maringá.

As irmãs auxiliaram os padres jesuítas nas mais diversas atividades com a comunidade da Vila Operária, como, por exemplo, na catequese, no Hospital Santa Casa e no Colégio Paroquial Santo Inácio. As irmãs vieram em missão, seguindo os princípios de sua Congregação, que tem como base Santo Inácio de Loyola. Maringá foi à primeira cidade a servir de missão para as irmãs da Congregação do Santo Nome de Maria que, posteriormente, levaram suas atividades para outras regiões do Paraná e de outros estados brasileiros.

### 3 DE ESCOLA PAROQUIAL SANTO INÁCIO A ESCOLA NORMAL COLEGIAL SANTO INÁCIO

A memória não é um instrumento para a exploração do passado; é antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio ao qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar próximo ao passado soterrado deve agir como um homem que escava (BENJAMIM, 1985, p. 239).

O trabalho é com a memória e identidade institucional de uma Escola Paroquial da Congregação das irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria que, com o decorrer dos anos, passou a ser colégio, atendendo alunos de diversas realidades sociais, econômicas e culturais.

Este capítulo foi construído a partir de pesquisa e levantamento de informações contidas na **Crônica** da instituição educativa, a qual se encontra arquivada no colégio com os documentos e cartas que fazem parte do acervo de memória da instituição pesquisada e que se tornou-se fonte de pesquisa. Para Le Goff (1996, p. 24), “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história”. Ou seja, o passado é a construção com as fontes e os diálogos o tempo todo.

É estabelecida uma reflexão acerca da importância das evidências históricas, de seu agrupamento, conservação e utilização no processo de análise do fenômeno histórico-educacional com base nas categorias de análise mais usuais no quadro de história da educação, vista como história das instituições em um sentido restrito, e da cultura escolar, em um sentido mais amplo (POLL *et al.*, 2007, p. 72).

A catalogação das informações do colégio é realizada dentro de um diário chamado de **Crônica** em que constam, desde a época da fundação até os dias atuais, o caminho e o desenvolvimento de todas as atividades, sejam elas pedagógicas, festivas, culturais ou propriamente do dia a dia. Desta forma, por meio desses documentos constrói-se a memória.

### 3.1 ENSINO PRIMÁRIO E JARDIM DE INFÂNCIA: A ESCOLA PAROQUIAL SANTO INÁCIO

A Paróquia São José Operário foi fundada pelos padres da Ordem dos Jesuítas. Devido à falta de uma escola nas proximidades que pudesse atender os filhos dos operários que ali moravam, resolveram encampar esta causa. Tratava-se de um local, como o próprio nome sugere, Vila Operária, onde residiam os operários e trabalhadores da cidade, era uma região sem muitos recursos e mais afastada do centro da cidade.

No início do ano de 1956, segundo a **Crônica**, o Bispo Dom Jaime, a pedido dos padres jesuítas da Paróquia São José, escreveu à Casa-Mãe da Congregação, das irmãs do Santo Nome de Maria na Alemanha, falando sobre a necessidade de uma Escola Paroquial e pedindo uma Irmã para dirigir esta escola. A empresa colonizadora da cidade de Maringá, Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, doou à Paróquia um terreno na Avenida Mauá, no fundo da Igreja e ao lado da casa das Irmãs da Congregação das Irmãs do Santo Nome de Maria. Nesse terreno, foi construída a Escola Paroquial.

Segundo informações contidas no memorial do Colégio, a Escola Paroquial Santo Inácio teve sua fundação no dia 01 de março de 1957. O Pe. Osvaldo Rambo era o diretor responsável pela escola, uma vez que as Irmãs não podiam, oficialmente, assumir o cargo de diretora devido à nacionalidade alemã. O Pe. Osvaldo pediu à esposa de um fazendeiro, conhecido como Guaiapó, a Dona Alfia Pulzatto, que era normalista, para ajudar as irmãs a organizar a escola. Ela assinaria os documentos e ele dirigiria o colégio. As irmãs, embora não pudessem ser responsáveis pela direção da escola, estavam envolvidas com as atividades do Jardim de Infância e com as aulas de religião, música e desenho para as crianças do Ensino Fundamental, além de auxiliarem nas mais diversas atividades da escola.

A irmã Jutta chegou da Alemanha no dia 10 de agosto de 1957, quatro meses após a fundação da escola, pois estava terminando os seus estudos em Pedagogia. A escola, neste primeiro ano de fundação, começou a atender três

séries: 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>, com quatro professores e uma secretária. Os primeiros professores da instituição foram Iolanda Duarte, Udilla Schiavonetti, Maria Brégola Noris, Lucilia de Queiroz Cerqueira, Irmã Maria Sturmia e Irmã Maria Conrada e na secretaria, Filisbina Binartten.

As condições físicas do colégio na época foram descritas pela Irmã Jutta, em uma carta que relata os primeiros anos de fundação da escola. No terreno do lado oposto da Igreja na Avenida Mauá, havia um barracão de madeira com duas salas de aula e dois banheiros e nada mais nos 20x100 metros. Lá funcionavam, em dois períodos, as classes da 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries. De início, o serviço da Irmã Jutta era vender vitamina no recreio. O Jardim de Infância funcionava numa casa bem pequena e pobre, ao lado da casa das irmãs. Nas duas salas pequenas, as crianças brincavam, e a cozinha era a secretaria da escola. No fundo desta casa, morava a diretora, a Dona Alfia. Duas irmãs trabalhavam na escola. A Irmã Conrada, que dava aulas de religião, e a Irmã Sturmia, que cuidava do Jardim de Infância. Era esse o quadro de funcionários da escola. O que não havia na escola era água, luz e dinheiro. A mensalidade da escola era mínima e a paróquia também não tinha recursos para o sustento. Durante a semana, a água era levada da casa das Irmãs para a escola. Aos sábados, Dona Olívia, vizinha da escola, tinha um poço e deixava as irmãs pegarem água para lavá-la. A energia elétrica não era tão necessária para a época, pois as aulas só aconteciam no período diurno.

Segundo registros da **Crônica**, no final do ano de 1957, Pe. Wendelino, da Paróquia São José Operário, levou a Irmã Jutta para Curitiba, a fim de registrar a escola, uma vez que ela já compreendia bem o português, então poderia responder as perguntas sem dificuldades de interpretação. Foi então que a escola conseguiu o registro do curso Primário do Jardim de Infância e do corte e costura.

Pelas anotações na **Crônica**, no ano de 1958, a Escola Paroquial Santo Inácio possuía duzentos alunos, com a seguinte distribuição: uma turma de 4<sup>a</sup> série, uma de 3<sup>a</sup> série, duas de 2<sup>a</sup> série e três de 1<sup>a</sup> série. Irmã Jutta, além de diretora da escola, assumiu uma turma de 1<sup>a</sup> série. Irmã Sturmia era responsável pelo Jardim de Infância e também lecionava aulas de religião e música na escola. No mês de maio deste ano, Dona Alfia deixou a escola por problemas de saúde e

assume a Irmã Jutta como diretora interna. Naquela época, a escola funcionava com um diretor externo, o Pe. Osvaldo Rambo, e a diretora interna, Irmã Jutta. Toda a documentação da escola era assinada pelo padre, pois a Irmã ainda não tinha a nacionalidade brasileira.

Das primeiras páginas da **Crônica**, é possível interpretar que a Escola nasceu da união de esforços de diferentes sujeitos, do Pe. Jesuíta Osvaldo Rambo, que teria encampado a ideia, da Companhia Melhoramentos, que cedera o terreno, do Bispo da cidade, que apoiara a iniciativa, das irmãs Jutta e Stúrmia, que vieram da Alemanha e assumiram atividades no interior da escola, por pequenos comerciantes que ajudavam financeiramente, e por voluntários da igreja. Contudo, o que motivou estes diferentes sujeitos foram razões também diversas.

O espaço escolar que foi se constituindo possui a marca desses sujeitos. Pela imagem Figura 3 é possível observar a simplicidade de seus espaços físicos e também da vestimenta de seus alunos e professores.



**Figura 3:** Escola Paroquial Santo Inácio

**Fonte:** Acervo de fotografias do Colégio Santo Inácio.

A Escola Paroquial Santo Inácio era improvisada numa casa de madeira simples, onde meninos e meninas frequentavam turmas mistas de ambos os sexos. A presença de um padre jesuíta em seu espaço, como deixa ver a imagem, revela o trabalho conjunto destas duas Congregações, resultado de sua origem no interior da Congregação Marista dos Padres Jesuítas. Na legenda da imagem, vê-se a data de 1959, ano em que foi tirada a fotografia, já que a escola fora fundada em 1957.

Segundo a Irmã Jutta (1996), com o aumento o número de alunos, a escola necessitou de mais espaço. Então, nas férias de 1959, foram construídas mais três salas de aula. Uma sala foi disposta para o Jardim de Infância, já que o assoalho da sala antiga descolava e ficava com um buraco enorme, com a possibilidade de as crianças se machucarem. Uma segunda sala era para a secretaria, e a terceira, para os professores.

O dinheiro para a construção das salas foi pedido aos benfeitores, comerciantes das redondezas, que ajudavam a escola. A madeira foi comprada na Serraria Wernecke, que também contribuiu dando madeira a mais. A madeireira funcionava atrás da escola, próxima à linha férrea. A construção foi realizada por alguns homens do Movimento Mariano<sup>1</sup> da paróquia.

A forma como ocorreu a construção da escola deixa ver o envolvimento da comunidade. Cada sujeito ajudou com o que podia. Comerciantes, funcionários e proprietários de terras contribuíram com recursos financeiros. O Movimento Mariano ajudou com o seu trabalho.

Segundo anotações na **Crônica**, no ano de 1959, a Escola Paroquial Santo Inácio iniciou o ano com cento e oitenta alunos matriculados. Ela continuou seu caminho. Havia uma sala grande de corte e costura. Como a Dona Alfia havia mudado, as Irmãs pediram a casa dela para Dom Jaime, para a moradia delas. Dom Jaime deu a casa de presente para elas que, posteriormente, demoliram e construíram outra no pátio da escola, com quatro cômodos pequenos. Foram morar nesta casa as irmãs Antonella, Sturmia e Jutta, cada irmã ficou com um quarto, e o que sobrou ficou para os trabalhos escolares das irmãs. Naquela época, foi instalada a luz elétrica para melhorar as condições de trabalho na escola.

---

<sup>1</sup> Movimento leigo composto por rapazes e homens adultos que participavam da Congregação Mariana da Igreja Católica que auxiliavam na atuação apostólica dos cristãos.

Ao final do ano de 1959, foram realizadas as provas finais em todas as séries, aplicadas pela inspetora estadual, para acompanhar se o aprendizado dos alunos estava satisfatório. O dia do exame era uma data muito importante para a escola, pois era uma avaliação externa que atestava a qualidade do ensino oferecido pela instituição e o seu desempenho frente aos desafios do dia a dia escolar. Era o momento de análise do rendimento escolar dos alunos e também do trabalho pedagógico desenvolvido pela instituição.

Em geral, as provas não eram fáceis, exigia estudo e dedicação por parte dos alunos, segundo anotações contidas na **Crônica**. As notas serviriam de classificação para as turmas seguintes. No final de 1959, foi a primeira vez que alunos receberam o diploma do término da 4ª série e também houve formatura do Jardim de Infância. Tudo foi realizado no pátio da escola, entre as construções. Nesse evento, participaram a professora Udilla, como comentarista; o patrono foi Dom Jaime; o paraninfo foi o senhor Rubens, subgerente da Transparaná. Estavam presentes os padres da paróquia, o Irmão superior responsável na época pela Santa Casa de Misericórdia de Maringá, as Irmãs do Ginásio Santa Cruz, as Irmãs da Congregação Missionária do Santo nome de Maria e a comunidade escolar, como pais, professores e alunos.

No ano de 1959, foi registrada a visita pastoral do Bispo Dom Jaime na escola. Na Figura 4, é possível observar este encontro.



**Figura 4:** Visita do Bispo à Escola Paroquial Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

O Bispo esteve presente em vários acontecimentos e festividades da escola, tempo importante papel no desenvolvimento das atividades e no auxílio das necessidades das irmãs e da escola. Além de ser uma autoridade da igreja, participou de forma significativa para a criação e desenvolvimento de muitas atividades e instituições educativas do município. Na Figura 4, o fotógrafo quis registrar o momento de chegada do Bispo à escola. Na foto, é possível observar, bem ao alto, bandeirinhas penduradas; alunos uniformizados, à esquerda da foto, segurando a bandeira do Brasil. No portão, para recepcioná-lo, está uma irmã e, pela sua vestimenta, possivelmente um padre, além de um homem comum que a eles se dirige. Quem seria este homem? Algum pai de aluno? Algum representante da comunidade mariana? É difícil precisar quem seria ele. O que é possível afirmar é que possuía importância no evento, pois recepcionava o Bispo. Ele é negro e, pela sua vestimenta, parece que sua origem social é humilde.

Em outro ângulo, Figura 5, o fotógrafo registra o espaço interno da escola. É possível perceber que houve a preocupação de registrar a participação das crianças, que estão enfileiradas nas laterais à espera do Bispo. No fundo, a escola, com crianças na sacada. No alto, há uma faixa de boas vindas a Dom Jaime.



**Figura 5:** Recepção das crianças para o Bispo  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A imagem permite caracterizar como seria a materialidade da escola em seus primeiros anos de existência. Uma construção sem luxo, com um grande pátio de terra. O número de crianças que a frequentava era significativo. Não se sabe precisar o motivo que o levou a uma visita à escola. Contudo, pela recepção, é possível dimensionar a importância conferida à autoridade do Bispo. Além disso, a participação das crianças na recepção pode falar de uma cultura escolar e de suas intenções de formação cristã.

Pela documentação, ainda no ano de 1959, as Irmãs Sturnia e Jutta receberam o registro de professoras, podendo, agora, lecionar na escola. Também houve a chegada da Alemanha de duas outras irmãs para trabalhar no Colégio, irmã Drumemjard e irmã Xaveris. Assim, é possível observar que, durante o ano de 1959, muitas conquistas foram realizadas. A escola aumentara de tamanho, agora com cinco salas. Ela recebe o seu registro de funcionamento para o Jardim da Infância e para as turmas de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries. Além disso, havia o curso de corte e costura. Além da luz elétrica, duas novas irmãs chegaram para ajudar nas atividades da escola.

Pela ata do colégio, no ano de 1960, a escola registra seiscentos e trinta e oito alunos. Devido ao grande número de crianças e poucas salas de aulas, a escola teve que realizar um horário com três turmas de aula. Um período das 8h às 11h, outro das 11h às 14h, e das 14h às 17h. Cada período tinha duração de três horas, sendo necessária esta organização para atender a demanda de alunos que necessitavam estudar. Este horário ficou até o término da construção de novas salas de aula.

A escola repleta de estudantes pode ser observada pela fotografia feita com os alunos no pátio (Figura 6). O chão de terra, a construção de madeira do colégio ao fundo e na lateral, as crianças todas uniformizadas, com camiseta branca e bermuda escura. Num momento em que predominava, em Maringá, nas escolas confessionais, espaços separados de educação para os sexos, feminino e masculino, a co-educação dos sexos numa escola confessional era uma novidade. A Figura 6 deixa ver meninos, mais à frente, e meninas, mais ao fundo, além de permitir observar a existência de crianças de idades variadas. Todos esperavam o registro da fotografia, pois, para olharem o fotógrafo colocam a mão na frente dos olhos, por causa do sol forte. Mesmo sabendo da fotografia, é possível perceber alguns alunos dispersos, olhando para o outro lado.



**Figura 6:** Alunos na frente da Escola Paroquial Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

Com apenas três anos de idade e com duzentos alunos, a escola figurava como um importante espaço de ensino na cidade. Um espaço que atendia crianças com poder aquisitivo diferentes. As mensalidades não eram pagas por todos, pagava quem possuía recurso. Da mesma maneira, havia diferença entre os valores da mensalidade de seus pagantes. A escola, em sua origem, não se destinava exclusivamente aos filhos de proprietários de terras e comerciantes. Um espaço que se configurou para atender crianças de nível aquisitivo diferenciado, enfrentou muitos desafios para sua construção e manutenção.

Como o número de alunos aumentava a cada ano, o Bispo de Maringá doou, como presente, recursos para a construção de mais salas de aula. Desta maneira, a escola conseguiria comportar seus alunos em espaços mais adequados. Os apoios financeiros eram muito bem vindos. Considerando que nem todos os alunos pagavam mensalidade, pois eram filhos de operários e não tinham condições financeiras, os recursos próprios eram sempre insuficientes. A escola contou com o apoio de toda a comunidade e também do Estado. Naquela época, quatro professores eram pagos pelo Estado, devido à falta de recursos da escola, que não tinha condições de manter todos os alunos sem um apoio financeiro para o seu funcionamento.

A escola que nascera vinculada à Igreja e aos padres jesuítas, a partir do ano de 1960, passou a ser definitivamente da “Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria”, por meio de contrato assinado pelo Bispo Dom Jaime e pela madre Seraphine. Tudo passou a pertencer às irmãs da Congregação, prédio, terreno e administração. A diretora do colégio continuava sendo a irmã Jutta.

### 3.2 ENSINO SECUNDÁRIO: GINÁSIO SANTO INÁCIO E ESCOLA NORMAL COLEGIAL SANTO INÁCIO

Para Magalhães (1998, p. 61-62), podemos definir o conceito de instituição educativa como:

[...] uma complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos mediante papéis e representações diferenciados, entretecendo e projetando futuro(s), (pessoais), através de expectativas institucionais.

Em 1961, a escola recebeu a licença para abrir o ginásio, transformando-se em Ginásio Santo Inácio. Muitos alunos fizeram o exame de admissão<sup>2</sup> para poderem ingressar no curso ginasial. Pelo registro na **Crônica**, o Inspetor Federal Cristiano Flausino Teixeira de Almeida assistiu aos exames. A turma começou com 28 alunos, 11 meninas e 17 meninos. O número de professores aumentou. No ginásio, lecionava José Pupim, docente de Matemática e Português; Dona Lucília, professora de História e Geografia; irmã Jutta, professora de Francês e Latim; Toshiko, ministrava aulas de Desenho e Trabalho Manual e Ismênia dava aulas de Música. Como diretor responsável pelo Ginásio estava o Pe. Francisco. Esse novo curso ginasial auxiliaria na melhor formação de adolescentes e jovens que, posteriormente, seriam inseridos no mercado de trabalho, uma vez que a cidade estava em pleno desenvolvimento e necessitaria de profissionais qualificados.

---

<sup>2</sup> Exame de conhecimentos gerais (Matemática, Português, História, Geografia e Ciências) que os alunos saídos do ensino primário tinham que realizar para cursar o ginásio.

As imagens na Figura 7 são do ano de 1961 e retratam os prédios escolares, onde funcionava o ginásio. São prédios diferentes, pois as construções foram em anos diferenciados. Além do espaço escolar onde estavam as salas de aula, ao lado, havia a casa das irmãs, encostada no prédio do Colégio.



**Figura 7:** Prédios e sala de aula do curso de corte e costura do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

É possível observar que o espaço físico da escola e do ginásio fora construído em madeira. As árvores plantadas na frente das construções buscam criar um melhor espaço de convivência, fazendo sombra e deixando-o mais bonito. O terreno era bastante grande e possuía espaço para as crianças brincarem. No detalhe da sala, onde aconteciam também as aulas de corte e costura, o mobiliário era todo em madeira. As mesas eram compridas e estreitas, vários alunos podiam se utilizar das mesmas. O assoalho era de madeira.

Esta foi a única imagem encontrada em que aparece o espaço interno da escola. É possível perceber que a sala é bastante simples. Não há como afirmar que ali seria uma sala de aula comum. O registro “funciona também o curso de corte e costura” leva a pensar que o espaço seria utilizado também para outras atividades. Mas resta saber com o quê? Não se vê nenhum quadro de giz. Pelo ângulo de visão privilegiado pelo fotógrafo, é possível observar as janelas e a porta de saída. Bem ao fundo, também há uma máquina de costura. Um espaço que revela a materialidade de espaços de ensinar um ofício. Aprender a cortar e costurar uma roupa, para a época, não era apenas uma formação considerada importante para as meninas e futuras mães de família. Era também a possibilidade de se ter um ofício, a de costureira ou alfaiate. Chama a atenção a disposição das cadeiras, elas estão posicionadas de frente uma para a outra. As mesas eram coletivas, elas acomodavam vários alunos, lembrando outro compartilhamento do espaço pelos seus usuários. Como afirma Vidal (2005, p. 5),

[...] a intensa materialidade, suporte de uma escrita institucional, profissional ou escolar convive com um conjunto também significativo de objetos e móveis, que se não se apresentam imediatamente como registros documentais do passado, portam vestígios das práticas escolares instituídas historicamente.

Vestígios de uma cultura escolar, o curso de corte e costura não fazia parte da estrutura curricular de formação do ginásio. Pelo que pode ser percebido pelos documentos, o curso era ofertado isoladamente, uma formação alternativa que ia ao encontro das necessidades de trabalho e formação das pessoas da comunidade em que a escola estava inserida, a Vila Operária.

A preocupação do registro fotográfico foi muito maior com a materialidade do prédio do que com o fazer escolar. Muitas outras imagens foram encontradas em que a ênfase são as conquistas de ampliação e melhoria do prédio físico. Na imagem abaixo, Figura 8, destaca-se a construção do novo prédio do Ginásio Santo Inácio, em 1961. Percebe-se uma mudança no padrão das construções. O material utilizado continua sendo a madeira, mas agora o prédio possui dois andares. Para a época, foi uma construção de grande porte. O detalhe do acabamento, a estrutura exterior parece muito bem feita.



**Figura 8:** Prédio de dois andares do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A prioridade do registro do prédio físico talvez da necessidade de evidenciar o crescimento da escola. Nos cinco primeiros anos de existência, o seu crescimento físico foi muito grande. De uma pequena Escola Paroquial, iniciada com duas salas, ela salta para um prédio com dois andares e mais de seiscentos alunos. Um crescimento exponencial, se levar em conta que a escola precisou contar com o apoio financeiro de muitos sujeitos.

É importante lembrar que, com o governo militar assumindo a presidência da República, em 1964, novas diretrizes foram dadas pelo Ministério da Cultura e Educação. A primeira portaria publicada estabelecia que, uma vez na semana, nas escolas, deveria ser hasteada a bandeira nacional das 8 horas às 18 horas

devendo ser acompanhada por uma solenidade. Uma segunda portaria estabelecia que, uma vez na semana, deveria se cantar o hino nacional, assim como todas as crianças deveriam aprender o hino à bandeira e o hino de seu estado. A última portaria proibia as provas mimeografadas<sup>3</sup> nas classes ginasiais, as avaliações bimestrais ou semestrais estavam a critério dos professores regentes das turmas.

Essa nova portaria deu certa autonomia para os professores poderem avaliar os seus alunos. Por outro lado, determinou maior rigor com os alunos que teriam que aprender os hinos mais importantes e também realizar solenidades às bandeiras do Brasil e do Paraná, sendo obrigatória a execução dos hinos no ambiente escolar. Desta maneira, a partir de 1964, as escolas tinham novas exigências com relação aos eventos e às festas a serem comemoradas em seus interiores.

No ano escolar de 1965, iniciou-se o ensino normal secundário, um curso bastante esperado para a formação das futuras professoras. A escola normal recebeu o nome de Escola Normal Colégio Santo Inácio. A inspetora que auxiliou no curso foi a professora Nadyr Maria Alegretti. Com mais essa demanda, o colégio precisava iniciar uma nova construção para atender os seus oitocentos e cinquenta alunos.

Como era esperado pelas irmãs, no ano de 1966, teve início a nova construção do colégio. Com mil alunos matriculados e nove irmãs auxiliando nas atividades. Cada uma das irmãs tinha uma atividade dentro do colégio e também eram destinadas aos serviços da igreja e da comunidade.

Irmã Jutta conseguiu assumir o colégio como responsável definitiva a partir de 1967. Naquele ano, iniciaram-se as provas mensais prescritas, iguais as que se faziam na escola pública. As provas eram compradas de Dona Tomires, que elaborava para todas as escolas da cidade. Ela fornecia também o programa mensal que se escrevia no livro de avisos.

Também no ano de 1967, teve início a construção do novo prédio do Colégio voltado para a Avenida Mauá, como se pode ver na Figura 9. Trata-se de

---

<sup>3</sup> Os estudos levam a interpretar que eram provas compradas, não foi localizada nenhuma informação nos documentos pesquisados sobre o que realmente eram essas provas.

um prédio de alvenaria com dois andares, uma melhoria significativa. As avenidas e ruas, na vila Operária, continuavam sem pavimentação.



**Figura 9:** Construção do prédio da Avenida Mauá  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A fotografia registra a conquista de um novo espaço físico. Um espaço que se ergue numa avenida sem asfalto, fazendo lembrar o bairro mais afastado da região central da cidade, formado por muitas famílias humildes e trabalhadoras. Diferentemente de outras escolas confessionais que vieram para Maringá no mesmo período e que se instalaram em regiões mais centrais, o Colégio Santo Inácio traz a sua marca de pertencer a um bairro operário. Muitas das benfeitorias feitas foram custeadas com recursos provindos da Alemanha. Outros recursos foram doados pela Irmã Jutta, originados de sua herança particular e familiar.

Irmã Jutta, a diretora da escola, conhecia e sabia da vida de todos os seus funcionários e alunos. Como muitos alunos eram bolsistas, a irmã visitava a casa das famílias para averiguar as reais condições financeiras dos alunos, se possuíam ou não condições para pagar as mensalidades da escola. Após vinte anos administrando o Colégio, irmã Jutta foi disseminar os seus ensinamentos em outras realidades que também necessitavam de apoio e dedicação. O tempo em

que esteve na direção do colégio contribuiu de forma significativa para a formação de todos os funcionários, professores, alunos e comunidade maringaense. Ampliou o Colégio de forma significativa, tanto na estrutura física quanto no desenvolvimento pedagógico.

A história e memória da Escola Paroquial Santo Inácio se fez por muitas rupturas em sua trajetória. De uma escola primária vinculada à igreja São José Operário, dos padres jesuítas, ela se ampliou para uma escola secundária. Sua existência é marcada por uma cultura escolar que possui laços fortes com os ideais da missão católica da Congregação Missionária do Santo Nome de Maria, à qual se vinculou.

#### **4 A EDUCAÇÃO CATÓLICA E A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DO SANTO NOME DE MARIA**

Segundo Moura (2000) a educação católica no Brasil confunde-se com a própria história da educação no país, pois desde o período do descobrimento do Brasil, Pedro Álvares Cabral, em 1500, veio acompanhado dos primeiros religiosos, que não ficaram em terras brasileiras, pois seu objetivo era o de chegar à Índia. Logo em seguida, outros vieram, como afirma Moura (2000, p. 21):

No que concerne à ação da Igreja, consta a vinda de uma segunda leva de franciscanos, composta de apenas dois religiosos, com a tarefa de catequizar os índios na Baía Cabralia, presumivelmente em 1516, mas calcula-se que em 1518 foram massacrados pelos índios.

Outros franciscanos vieram para o Brasil, muitos não tiveram sorte em sua missão e acabaram sendo mortos pelos índios. A presença de religiosos em terras brasileiras era, a princípio, para a catequização dos índios, contudo:

Embora a missão dos jesuítas fosse principalmente a catequese dos habitantes das novas terras, a obra que realizaram foi muito extensa, assentando as bases de uma nova nação sobretudo por meio da atividade educativa (MOURA, 2000, p. 23).

Segundo Moura (2000), atualmente, no Brasil, os jesuítas possuem inúmeras instituições, tais como asilos, creches, colégios, escolas, faculdades, universidades e hospitais. Na área de ensino, a atuação mais destacada constitui-se em redes de ensino com atividades na educação básica e no ensino superior. A história da educação confessional no Brasil teve início com a educação católica e com os padres jesuítas.

O nosso objetivo não é narrar esta trajetória, mas destacar que a educação católica foi um fenômeno importante no Brasil e que seu papel merece destaque na história da educação. Narrar à memória e a história da Escola Paroquial Santo Inácio é buscar problematizar a ação educacional católica e o que ela forneceu à história da educação confessional de Maringá e do Paraná.

Neste sentido, é importante observar as transformações ocorridas no pós-guerra, principalmente no que se refere à educação católica no Brasil, pois foi naquele período que a Escola Paroquial Santo Inácio iniciou suas atividades em Maringá. Naquele momento, o interesse pela educação começou a ser visto de forma diferenciada, conforme Moura (2000, p. 134):

[...] no campo da educação é importante ressaltar a instalação no final de 1945 da Associação de Educação Católica do Brasil. Como nota Antônio Puhl, historiando este evento, “sob o ponto de vista de organização, até os anos de 1930, os católicos agiam isoladamente, sem uma associação nacional própria. Identificavam-se muito com as demais escolas particulares e participavam dos Sindicatos de Estabelecimentos Particulares de Ensino, embora obedecendo sempre às orientações da hierarquia da Igreja Católica, especialmente nos aspectos característicos de escolas católicas”<sup>1</sup>. A AEC nasceu por ocasião do I Congresso Nacional de Estabelecimentos Particulares de Ensino de 1944, no Rio de Janeiro, só se instalando em 24 de novembro de 1945.

Com o surgimento da AEC (Associação de Educação Católica no Brasil), a educação católica no Brasil seguiu direções sempre enfatizando a Igreja Católica como a principal norteadora das suas atividades. Somente em 1945, as escolas católicas no Brasil são norteadas por uma associação baseada em seus fundamentos e interesses, diferenciando-se assim das outras instituições privadas destinadas ao ensino.

Segundo Senra (2007), a AEC é a principal entidade de representação da Igreja Católica no Brasil e pode ser definida como a continuidade dos mecanismos criados pela Igreja para tornar o catolicismo presente na educação escolar brasileira.

A associação nasceu com o objetivo de tornar o ensino católico mais libertador, mas nem tudo ocorreu de forma simples e tranquila. As escolas católicas sofreram uma forte crise.

A AEC do Brasil muito se empenhou em fazer acontecer a libertação através da educação, principalmente nas escolas católicas, porém não teve o sucesso esperado devido ao impasse

---

<sup>1</sup> Antônio Puhl, “Associação de Educação Católica do Brasil faz 50 anos”, **Cadernos da AEC do Brasil**, n. 56, p. 7.

desta situação econômica e cultural. A história, a missão e a presença da AEC mostram como é grande o desafio de educar para a liberdade (ROCHA, 2011, p. 96).

De acordo com a autora, a educação católica se pensava com um grande papel cultural e também econômico na sociedade. Ela seria um dos meios para que os sujeitos pudessem se desenvolver de forma mais humana, tornando a sociedade mais justa e solidária

A escola católica intencionava ser mais participativa, pois, de acordo com o Concílio Vaticano II, era preciso transformar as escolas em uma comunidade escolar motivada pelo espírito do evangelho, da caridade e da liberdade.

O Concílio Vaticano II teve como principal objetivo discutir as ações da Igreja. Seu propósito era o de repensar, modernizar e debater suas visões perante a vida.

No que diz respeito à escola, o Concílio do Vaticano II registra que entre todos os meios de educação, tem especial importância a escola, que em vista de sua missão, enquanto cultiva atentamente as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar retamente, introduz no patrimônio intelectual adquirido pelas gerações passadas e promove o sentido dos valores (GAMEIRO, 2007, p. 22).

É possível observar as intenções de formação da moral cristã por meio da escola. Assim, ao traçar seus fins, o Concilio Vaticano II deixa ver que a escola seria mais que um espaço de formação intelectual, ela promoveria uma formação dos valores morais cristãos. Este foi um ponto de tensão entre os defensores do ensino laico e os do ensino confessional. Não é objetivo adentrar neste debate. Apenas sinalizar este impasse presente na história da educação brasileira e trazer à baila as ponderações de Alves (2005) sobre a presença da escola católica no Brasil. Segundo ele:

Se ela colaborou com as elites na manutenção da ordem estabelecida, ela também ofereceu resistência às classes hegemônicas, educou parcela das camadas populares e contribuiu de forma decisiva para a formação da nação brasileira (ALVES, 2005, p. 229).

Muitas polêmicas foram levantadas com relação à presença da Igreja católica no ensino escolar. Contudo, este jogo de tensões não colocou fim aos objetivos da igreja, ao contrário, obrigou-a repensar sua presença no campo educacional, como mostra o Concílio Vaticano II.

No Paraná, a Igreja iniciou suas atividades religiosas por volta de 1920. Para Campos (2010), a organização do laicato começou a se definir a partir de 1926 com a criação da imprensa católica que era dirigida por leigos. Nesse ambiente, foram se formando os planos de ação e estratégias da Igreja para todo o Paraná.

Foi a partir dessa expansão da Igreja Católica no Paraná que os bispos, interessados em aumentar a presença católica no ensino escolar paranaense, começaram a pedir auxílio às congregações femininas de outros países. É neste contexto que a Congregação do Santo nome de Maria foi convidada para se fazer presente no município de Maringá.

#### 4.1 A CONGREGAÇÃO DO SANTO NOME DE MARIA

A Congregação do Santo Nome de Maria tem por filosofia a bem-aventurança de servir os desfavorecidos e humildes. Isso pode falar sobre o que mobilizou, por primeiro, a vinda das irmãs à Maringá para trabalharem na Vila Operária, num bairro formado por trabalhadores de baixa renda.

Na imagem abaixo, Figura 10, é possível visualizar a Casa-Mãe em *Osnabruck*, na Alemanha, local onde teve início a Congregação do Santo Nome de Maria.



**Figura 10:** Casa Mãe em *Osnabrück* na Alemanha  
**Fonte:** Arquivo digital do Colégio Santo Inácio.

A imagem valorizou o registro do espaço externo da Congregação. Como pode ser observado, um espaço físico privilegiado. A aparente tranquilidade e retiro do local não deixam ver quão conturbada foi a fundação da Congregação.

Segundo relato da Irmã Marcella Plengemeyer, no livro **História da Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria**, ao romper a Primeira Guerra Mundial, em 1914, um grupo de religiosas alemãs encontrava-se no noviciado das Irmãs Missionárias Maristas de Lyon, na França. O governo francês não lhes concedeu a licença de retornar para a sua pátria, a Alemanha, tampouco lhes foi autorizada a partida antecipadamente para as regiões das missões. A congregação religiosa tentou obter, para essas irmãs, a cidadania francesa, o que lhes foi negado.

As religiosas foram detidas como súditas do governo francês. Juntamente com muitos outros alemães, que ora se encontravam na França e enfrentaram um duro cativeiro. Durante esse tempo, foi-lhes vedado todo e qualquer contato com a Casa-Mãe em Lyon e com os seus familiares na Alemanha.

Mais de mil prisioneiros alemães foram jogados num trem de gado e levados para as montanhas da França e lá tratados como animais. Os soldados franceses só conheciam o nome de “bois” alemães para os homens e “vacas” para as senhoras (CRUZ, 1990, p. 22).

Foi no período entre guerras que as seis irmãs alemãs, que viveram em cativeiro na França durante a Primeira Guerra Mundial, retornaram a sua terra e foram residir em *Meppen* na Alemanha, na diocese de *Osnabruck*. Dirigiram-se ao Bispo para que este pudesse conseguir o retorno das mesmas para a Congregação a que pertenciam em Lyon, França, mas todas as tentativas foram em vão. O superior geral das missões da Congregação de Maria (maristas), que tinha ligação com as irmãs da Congregação de Lyon que retornaram para a sua terra, desligou as irmãs de sua congregação em ata, no dia 5 de setembro de 1918, deixando a cargo do Bispo o destino das irmãs. Assim o bispo decide iniciar, na Alemanha, uma congregação para que elas pudessem continuar suas missões, já que tinham sido chamadas à vocação de serem missionárias e servas de Deus.

As irmãs que deram o seu “sim” para fundarem a nova congregação foram as irmãs M. Ephrem (Christiane Scheer), M. Theodora (Anna Holt), M. Hermina (Adelheir Topper), M. Mechthildis (Elisabeth Becker) e M. Gertrudis (Agnes Schottel). As outras três irmãs que haviam voltado do cativeiro francês tiveram destinos diferentes. M. Athanase, depois da Guerra conseguiu retornar a sua comunidade religiosa; Irmã M. Philomena abandonou a Congregação, e Irmã Brigitta, dois anos mais tarde, ingressou na nova Congregação, recém-fundada em *Meppen*, depois de, durante a guerra, ter prestado auxílio na casa dos pais pelo fato de seus irmãos terem sido convocados para o serviço militar.

A Congregação fundada pelo Bispo recebeu o título de “Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria”, tendo como votos: pobreza, castidade e obediência. Além das atividades missionárias que deveriam prosseguir pelo Norte da Alemanha, também deveriam seguir nas missões estrangeiras, principalmente na direção de escolas, orfanatos, hospitais e na orientação de todos os afazeres domésticos.

A Congregação teve sua fundação no dia 23 de fevereiro de 1920, tendo como padroeira a Santíssima Virgem. Ela deveria ter um cunho apostólico-mariano. A partir desta data, as seis irmãs que foram expulsas da França seguiram seu apostolado numa missão fundamentalmente mariana de colaboração, conservação e propagação da fé católica nos territórios em que

houve dispersão da população (diáspora) e também em futuras missões estrangeiras de evangelizar todos os povos.

As Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria precisavam de uma orientação espiritual para seu crescimento religioso. Dom Wilhelm pediu ajuda para as irmãs religiosas da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus, de *Hiltrup*, Alemanha, com apenas vinte anos de fundação. Irmã Evarista aceitou o desafio de encaminhar esta nova Congregação.

No dia 2 de fevereiro de 1921, aconteceu a primeira cerimônia de vestição da Congregação, que são os nomes de batismo das irmãs nomes que foram atribuídos por Dom Wilhelm. Receberam as vestições as irmãs M. Xaveria, M. Josefa e M. Bonifatia. Novas irmãs iniciam seu noviciado e outras aguardam a profissão dentro de alguns meses.

Em junho de 1924, as Irmãs do Santo Nome de Maria receberam suas próprias regras, as constituições elaboradas pelo Bispo Dom Wilhelm e aprovadas pela igreja deveriam organizar a vida espiritual da Congregação. A primeira parte das constituições tratava da “natureza da congregação e regra da vida”. Cento e oitenta exemplares foram encadernados<sup>2</sup>, sendo encaminhados para cada irmã e noviça, além de cópias que foram reproduzidas para cada uma das filiais.

Em agosto de 1924, foi erigida, no convento marista, uma filial das irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria. Convém mencionar que os padres maristas apoiaram ao início da Congregação religiosa recém-fundada. No mês de novembro do mesmo ano, o Bispo havia comprado uma propriedade de descanso para sacerdotes e também para suas mães. A Superiora Geral da Congregação, Irmã Marcella, acompanhou três irmãs para arrumarem a casa que estava em completo abandono, tendo ficado pronta em janeiro de 1925, sendo inaugurada com uma missa.

Nos anos seguintes, várias filiais foram abertas marcando o crescimento da Congregação. As irmãs foram solicitadas para assumirem a responsabilidade das creches recém-fundadas e instituições para neo-comungantes, nas localidades de

---

<sup>2</sup> Dados retirados da História da Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, elaborado por Irmã Maria Marcella Plengemeyer, material que se encontra disponível na biblioteca da casa do noviciado Rainha da Paz.

*Parchim*<sup>3</sup>, *Neubrandenburg*<sup>4</sup> e *Teterow*<sup>5</sup>, também assumiram o ensino religioso das crianças nas comunidades paroquiais.

Nas grandes cidades do norte da Alemanha, as irmãs assumiram tarefas de assistência social em lares para mães com recém-nascidos, nos quais eram anexados pré-asilos e uma pensão para moças. Em todas estas fundações, embora a enfermagem não fosse o trabalho principal da Congregação, todas as irmãs atendiam a esta necessidade.

Com relação à formação técnica, muitas irmãs foram enviadas para várias localidades para adquirirem experiência para assistente social, para serem dirigentes de juventude, para a escola de enfermagem, para formação de enfermeiras pediátricas ou para serem formadoras do Jardim de Infância. Cada irmã teria que possuir uma formação. “Madre Marcella nutria já desde algum tempo o desejo de organizar um Jardim de Infância a fim de oferecer prática às Irmãs que um dia haveriam de trabalhar neste campo” (PLENGEMEYER, s./d., p. 94).

Em março de 1931, a Congregação foi registrada no tribunal da comarca de *Meppen* como pessoa jurídica e o Bispo transferiu a propriedade que adquirira para as Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria. Essa propriedade foi adaptada para um Jardim de Infância que foi inaugurado pelo Bispo no mesmo ano. Também houve a transferência do terreno da Casa-Mãe para a Congregação. Da mesma maneira, houve mudança na administração da Congregação.

No momento em que Madre Marcella se convenceu que a congregação estava apta para ter sua própria superiora geral e desde que, por motivos de saúde, ela mesma não mais podia empenhar-se suficientemente pela congregação, pediu ao Senhor Bispo que a deixasse voltar para a sua congregação (PLENGEMEYER, s./d., p. 95).

---

<sup>3</sup> *Parchim* foi um antigo distrito da Alemanha localizado no sudoeste do estado de *Mecklenburg-Pomerânia Ocidental*. Na reforma distrital de setembro de 2011, *Parchim* foi unido ao distrito de *Ludwigslust* formando o novo distrito de *Ludwigslust-Parchim*.

<sup>4</sup> *Neubrandenburg* é uma cidade da Alemanha localizada no estado de *Mecklenburg-Vorpommern*. *Neubrandenburg* é uma cidade independente ou distrito urbano, ou seja, possui estatuto de distrito.

<sup>5</sup> Cidade localizada na Alemanha.

A irmã Marcella, durante toda a sua supervisão na Congregação do Santo Nome de Maria, conseguiu elevar a comunidade para 115 irmãs e 15 filiais. Irmã Marcella veio a falecer no dia 23 de novembro de 1935 e foi enterrada no Cemitério das Irmãs da Divina Providência em *Maria Roppan*, na Holanda.

#### 4.2 O CAMINHO PRÓPRIO DA CONGREGAÇÃO DO SANTO NOME DE MARIA

Após o retorno de Madre Marcella para a sua congregação de origem, quem assumiu a responsabilidade da congregação como Superiora Geral foi a irmã M. Theresia. Com o decorrer do tempo, foi designada pelo Bispo, como auxiliar, M. Cecília. Irmã M. Theresia exerceu durante 30 anos a sua gestão e presenciou o crescimento religioso e também o grande número de comunidades.

Em 30 de janeiro de 1933, a NSDAP (*National Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei* – Partido Nacional Socialista dos Operários Alemães), assume o governo alemão sob a chefia de Adolf Hitler. A política hostil e antieclesial deste governo acentuam-se ano a ano. As escolas populares confessionais foram fechadas por decreto. O decreto atingiu também a escola popular católica de Ludwigslust/Mecklenburg, na qual as irmãs exerciam sua atividade escolar.

Em *Teterow*, foi confiscado o Instituto de Santo Angario para as necessidades da NSV (*National – Sozialistische – Volkswohlfahrt* – Beneficência Nacional Socialista do Povo). As irmãs conservaram apenas alguns quartos para seu uso, mas não puderam admitir as crianças, apenas algumas pessoas idosas. Logo depois, tiveram que abandonar o Instituto para ceder lugar ao governo para fins da NSV.

A situação política obrigou a Igreja, particularmente as religiosas, a buscar novos caminhos e novas possibilidades para exercer o seu apostolado. Durante o ano de 1939, muitas foram as medidas para não se realizarem reuniões e encontros de exercícios de espiritualidade. A GESTAPO (polícia política) buscou que as irmãs se associassem às organizações de assistência social da NSDAP, mas as irmãs se negaram. No mês de maio, foram confiscados da Casa-Mãe

todos os móveis e bens da comunidade religiosa. No ano de 1941, a GESTAPO (grupo nazista) expulsa as irmãs de Meppen. A pedido do Bispo foi autorizado, provisoriamente, que ele abrigasse as irmãs em um sítio da diocese, próximo de *Osnabruck*, em *Gut Nett*, porém atendendo às exigências do partido nazista. Elas foram obrigadas a trabalhar para a GESTAPO como operárias, exercendo a função de enfermeiras no depósito de produtos preciosos, ou seja, as irmãs eram obrigadas a empacotar e embalar os comprimidos. Este trabalho constituía, para elas, uma proteção contra a apreensão pela GESTAPO.

Após o fim da Guerra em 1945, muitas foram as preocupações, pois muitas casas filiais foram atingidas por bombas e outras estavam totalmente destruídas. No ano de 1947, foram devolvidos os imóveis do convento de *Meppen*, a Casa-Mãe e o Jardim de Infância que haviam sido confiscados pela GESTAPO em 1941. Em 1950, foi eleita a irmã M. Fabíola para Superiora Geral da Congregação.

O Bispo de Estocolmo, Erick Muller, visitou a casa matriz das irmãs e solicitou que a Congregação cedesse Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria para as missões da Suécia, uma vez que a maioria da população sueca pertencia à Igreja Luterana. Em maio de 1951, quatro irmãs: M. Hildegardis, M. Felicitas, M. Beatriz e M. Jutta iniciaram suas atividades na Paróquia de Santa Eugênia, em Estocolmo. Elas se dedicaram à catequese e pastoral da comunidade, mantendo, além disso, um Jardim de Infância e uma pré-escola.

No verão de 1955, o entusiasmo missionário das irmãs foi estimulado ainda mais. Na esperança de conseguirem Irmãs Missionárias de Maria para as tarefas da Igreja em suas pátrias, Padres Jesuítas da Coréia e do Brasil, que naquele tempo faziam, em *Munster*, a Terceira Provação – etapa final da formação de um membro da Companhia de Jesus –, visitaram repetidas vezes a Casa-Mãe para falar de suas terras e das necessidades religiosas do povo. A disponibilidade das irmãs era grande. Seguiram-se discussões e negociações entre o Bispo Dom Wilhelm e as superiores sobre o problema missionário. Em 7 de agosto de 1955, o arcebispo decidiu que a primeira obra missionária da congregação fora da Europa deviria ser o Brasil.

Em 20 de junho de 1956, as primeiras Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria principiaram a viagem para exercerem a atividade missionária no Brasil, mais precisamente, para a cidade de Maringá, no Estado do Paraná. Na Figura 11, observou-se a imagem preservada das irmãs que vieram para o Brasil.



**Figura 11:** Primeiras irmãs da Congregação Missionárias do Santo Nome de Maria em Maringá  
**Fonte:** Arquivo digital do Colégio Santo Inácio.

Na imagem, da esquerda para a direita se encontram as irmãs M. Conradine, M. Conrada, M. Antonella, M. Calista, Maria e M. Sturnia. As primeiras irmãs a chegarem ao município de Maringá. Destas primeiras irmãs, algumas morreram e outras, as irmãs M. Calista, Maria e M. Sturmia, permanecem em atividade na Alemanha até os dias de hoje, no ano de 2013. Na Figura 12, é possível observar a residência das irmãs em Maringá.



**Figura 12:** Comunidade Missionária das irmãs no ano de 1956  
**Fonte:** Arquivo digital do Colégio Santo Inácio.

A foto mostra a casa de madeira onde era a Comunidade das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria em 1956, no município de Maringá. Pela imagem, é possível perceber que as irmãs auxiliavam nas mais diferentes tarefas, não havendo restrições para o trabalho mais pesado.

O empenho da Igreja em despertar as vocações sacerdotais e religiosas, fez surgir, entre os leigos, mais colaboradores engajados. Em 25 de março de 1958, foi fundada a casa regional e noviciado, em Maringá, com o objetivo de preparar as noviças para a vida religiosa. Uma casa destinada à oração e aprendizados sobre a Congregação e a Igreja.

Nos anos que se seguiram, houve novas admissões à vida religiosa, de modo que a casa de madeira, que servia de noviciado, tornou-se pequena. Foi construída, então, uma nova casa, a Comunidade Rainha da Paz, numa chácara comprada na periferia da cidade de Maringá, onde atualmente é a casa regional, com sede da superiora regional.



**Figura 13:** Noviciado Rainha da Paz  
**Fonte:** Arquivo digital do Colégio Santo Inácio.

A Comunidade Rainha da Paz é um lugar destinado à formação de religiosas, também são promovidos cursos e encontros de irmãs e leigos de toda a comunidade católica de Maringá, além de retiros e encontros de catequistas e catequizandos de toda a região metropolitana. Esta comunidade foi fundada com o intuito de trabalhar a espiritualidade dos leigos e das irmãs missionárias e também de promover um lugar agradável para reuniões e encontros da comunidade católica (Figura 14).



**Figura 14:** Centro Espiritual Rainha da Paz  
**Fonte:** Arquivo digital do Colégio Santo Inácio.

É importante observar que as irmãs da Congregação do Santo Nome de Maria se instalaram primeiramente em Maringá. Elas vieram da Alemanha interessadas numa cidade que acabara de nascer. Maringá foi escolhida, pois havia a necessidade de irmãs para auxiliarem o padre nas mais diversas atividades sociais da Igreja, como catequese e escola.

No curso dos anos seguintes, foram fundadas outras filiais. Em 1960, a cidade de Ubiratã solicitou a abertura de uma escola para a formação educacional das crianças. Foi fundado, então, o Colégio Santo Antônio. Além da atividade educacional, as irmãs auxiliaram a comunidade em diversos setores religiosos, como catequese e formação leiga. No ano de 1970, para o atendimento de crianças carentes da comunidade de Maringá, é fundada a Creche Menino Jesus, que é mantida até os dias atuais por donativos da Igreja e também de toda a comunidade maringaense. Seu objetivo é o atendimento, no contraturno escolar, de crianças que não possuem lugar para ficar, uma vez que suas famílias trabalham. Na creche, acontecem atividades pedagógicas e recreativas para as crianças.

A partir do ano de 1973, a Congregação começou a atuar também no território da mata virgem no Estado do Mato Grosso. Nesse ano, foi fundada a Comunidade São Miguel, em Vera. No ano de 1991, surge a Comunidade Nossa Senhora da Assunção, em Nhamundá, no Amazonas. A Comunidade Santa Maria, em Parintins, no Amazonas, foi fundada em 1992, também com o intuito de contribuir para a formação e instrução da população carente. No ano de 1996, é fundada a Comunidade Maria Mãe da Igreja, em Manaus, no Amazonas. A Comunidade Virgem de Pilar foi fundada, em Pilar, no Paraguai, no mesmo ano, com o objetivo de auxiliar e instruir por meio de um trabalho missionário. E no ano de 2004, surge a Comunidade Santo Nome de Maria na cidade de Pedro Afonso, em Tocantins.

O trabalho das irmãs é múltiplo. Ele se estende ao campo social e pastoral, ao ensino religioso e catequese, aos grupos eclesiais de base e formação de catequistas, às escolas e creches, aos hospitais e postos ambulantes de assistência aos doentes, a fim de continuar a implantação do evangelho, particularmente entre os pobres.

Dentre as atividades desenvolvidas pela Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, destacam-se as realizadas pela fundação da Escola Paroquial Santo Inácio, em 01 de março de 1957, em Maringá. Ao instituírem este espaço educacional, trouxeram para a cidade uma forma particular de educar as crianças.

Adentrar no cotidiano deste espaço educacional não é tarefa fácil. Essa possibilidade encontra um limite objetivo, o da preservação dos documentos institucionais. Por um lado, são eles que permitem construir uma visibilidade de seu fazer cotidiano. Por outro lado, a construção da memória do fazer institucional se faz também pelo aprendizado que ela proporciona fora da sala de aula e dos conteúdos curriculares.

Nesse sentido, o interesse por construir uma visibilidade das festas e comemorações realizadas pelo Colégio Santo Inácio foi a maneira encontrada de apresentar a escola como produtora de uma cultura propriamente sua, capaz de produzir uma identidade institucional.

## 5 A ESCOLA PAROQUIAL SANTO INÁCIO: SUA CULTURA ESCOLAR POR MEIO DAS FESTAS E COMEMORAÇÕES

A festa é uma forma ritual, tradicional de inculcação dos princípios pedagógicos elaborados pela cultura do povo e que foram um 'habitus-de-se-povo'. Este é reforçado através de uma pedagogia implícita que mais vive do que tematiza seus princípios. A festa é uma verdadeira ação pedagógica, que integra sanções, autoridade e um modo específico de inculcação (RIBEIRO JUNIOR, 1982, p. 43).

As festas e as comemorações realizadas no interior da Escola Paroquial Santo Inácio dão visibilidade à uma cultura escolar própria demonstradas em suas festividades cívicas e religiosas. Em sua trajetória de ensino, é possível observar a preocupação com a formação de valores nos alunos, professores e funcionários da Instituição. Trata-se de desvendar as maneiras pelas quais foram divulgados os valores, símbolos e costumes pertencentes ao universo escolar Inaciano e que foram disseminados por meio de suas comemorações e festividades.

As festas provocam a sensibilização do imaginário coletivo. Elas são elaboradas e preparadas buscando reforçar os símbolos, costumes e lembranças compartilhados por uma comunidade. Representam o partilhamento de um patrimônio simbólico, de valores e costumes da cultura de um grupo. As festas ocorrem na vida privada e na vida social, em ambientes e culturas diversas. Neste trabalho, interessam as festas preparadas e organizadas pela escola e também aquelas que, embora não organizadas pela escola, têm a sua participação efetiva.

Para Bencostta (2010, p. 249),

[...] elas compõem fatos sociais, e o seu estudo ganha importância não somente do ponto de vista histórico, mas também antropológico, colocando em destaque momentos simbólicos de integração dos atores do universo escolar frente à construção de instrumentos que as viabilizem enquanto fenômeno cultural.

Enquanto manifestação cultural, as festas escolares possibilitam adentrar no universo simbólico de suas instituições, deixando ver um modo específico de

sua ação pedagógica. Nesse sentido, o presente capítulo apresenta reflexões sobre as festas escolares ocorridas durante o período de 1957 a 1965, na Escola Paroquial Santo Inácio. Nossa intenção é investigar e analisar o papel das comemorações enquanto atividades pedagógicas da instituição escolar. Para Cândido (2007, p. 89):

A hipótese é de que muito mais que um momento de confraternização, de descontração e de manifestação de alegria, as festas, no caso, as festividades escolares, possuíram outras funções, eram momentos privilegiados para o aprendizado de conteúdos, de disseminação de conhecimentos, de normas e de valores legitimados pela escola e pela sociedade. A festa escolar pode, dessa forma, ser apreendida neste estudo em seu duplo caráter, político e pedagógico e como um dos componentes essenciais da cultura escolar.

As festas escolares só podem ser analisadas dentro dos aspectos que compõem a cultura escolar, compreendida, na perspectiva de Julia (2001, p. 10):

como um conjunto de **normas** que definem conhecimento a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de **práticas** que permitem a transmissão desses conhecimentos e incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (grifos da autora).

A cultura escolar é o conjunto de normas e práticas para a transmissão de um conhecimento, sendo as festas, uma das práticas utilizadas para transmissão de valores e cultura. Gallego (2006) aponta que as culturas escolares recebem influências e seguem determinações que são externas à escola. Muitos dos temas e assuntos comemorados na instituição tiveram sua inserção no calendário escolar definidos, muitas vezes, por decretos e leis. Nascido no movimento que buscou concretizar a implantação de um sistema de ensino público, no final do século XIX, o calendário escolar marca um esforço por padronizar e homogeneizar as atividades do sistema escolar. Segundo a autora,

[...] o gradativo detalhamento do calendário e, especialmente, a determinação dos dias de festas e comemorações escolares integram as ações para se constituir um sistema de ensino homogêneo, consoante com os ideais de difusão do ensino, além

de ser uma das tentativas para se controlar as atividades escolares no momento da organização do sistema escolar estatal (GALLEGO, 2006, p. 3).

É possível perceber que a implementação das festas no calendário escolar surgiu com a necessidade de integrar o ensino às tentativas do governo de controlar o sistema de ensino.

A alteração do calendário pode ser tomada como um exemplo extremo de que controlar o tempo se torna essencial ao poder. A mudança no calendário, objeto científico e cultural, envolveu a proposta revolucionária de controle do tempo e de reencontro com a natureza (OLIVEIRA, 1989, p. 173).

As festas e comemorações escolares, mais que um momento de descontração e confraternização, possuem a intenção de transmitir valores. Para Vidal (2005), as escolas, ao serem convidadas e, ao mesmo tempo, obrigadas a participarem dos desfiles e da inserção de datas comemorativas e rituais de hasteamento da bandeira e hino, inserirem símbolos no processo de escolarização, levando a um movimento da construção da cultura escolar.

O calendário escolar começou a se constituir como um marco de imposição de datas comemorativas a partir da Revolução Francesa. De acordo com Oliveira (1989, p. 173), “a mudança e o controle do calendário começou com o objetivo científico e cultural do controle da sociedade”.

Desde o início da Revolução Francesa, já eram impostas datas e comemorações que deveriam ser seguidas por toda a nação. Conforme com a autora, era uma atitude de controle do que estava acontecendo e como deveriam ser organizados os desfiles e as comemorações dentro e fora da escola. Ou seja, o Estado se utilizou das festas cívicas como um meio para promover o que queria ensinar e transmitir para a nação.

Desse modo, os calendários são um importante meio para impor regras e normas que devem ser seguidas para um melhor direcionamento da vida social. Le Goff (1996) utiliza bem a expressão de que tudo depende do calendário, seja a vida emocional ou o próprio dia a dia das pessoas. Planeja-se a vida tendo por base o calendário, desde uma viagem até a programação de desfiles ou festivais escolares.

No âmbito escolar, o calendário promove uma racionalização do tempo e de suas atividades Gallego (2006) aponta para a perspectiva da participação do Estado na definição do mesmo. Assim,

[...] datas para o início e fim das aulas, férias e comemorações simples. Com outro modo de estruturar o tempo, as atividades dos professores e alunos são cada vez mais reguladas e estes são submetidos a uma nova relação do tempo (GALLEGO, 2006, p. 3).

Para Oliveira (1989, p. 174), “a festa tem sempre uma função pedagógica e unificadora, reduzindo as diferenças existentes”. As festas e comemorações escolares configuram-se em momentos de interação entre familiares, professores, diretores, funcionários, alunos e outros sujeitos que participam da comunidade escolar, promovendo uma ação coletiva em torno de um acontecimento importante.

Desde a fundação da Escola Paroquial Santo Inácio, é possível observar, por meio da **Crônica** da Instituição, que as festas estiveram presentes na vida escolar, tendo sido conservados muitos documentos e imagens iconográficas. Percebe-se a intenção de preservar a memória de determinados acontecimentos e festividades, uma vez que houve uma preocupação de retratá-los por meio de fotos, convites e informações.

Dentre as diferentes festividades presentes na vida escolar, durante o ano letivo, serão por apresentadas as festas juninas, o Dia da Árvore, os desfiles e atos cívicos, as formaturas e a primeira comunhão, realizadas pelos alunos do Colégio Paroquial Santo Inácio, no período de 1957 a 1965.

## 5.1 FESTAS JUNINAS

Em toda instituição escolar, durante todo o ano letivo, há eventos e festas que marcam a trajetória da instituição. Uma das mais tradicionais nas escolas brasileiras é a festa junina, que acontece nos meses de junho e julho. Nestas

festas, tem quadrilha, quentão e inúmeras comidas típicas, alegrando alunos e familiares com suas danças e trajes típicos.

No dia 17 de junho de 1958, houve a primeira festa junina da escola. Segundo informação da **Crônica** da instituição, os convites foram escritos com um linguajar caipira, dando ênfase para a festa. Irmã Stúrmia fez muitas lanternas que foram penduradas pelos corredores, tendo em vista que ainda não tinha luz elétrica. No meio do pátio, montou-se uma fogueira de São João. As crianças trouxeram doces que foram vendidos na festa pelas irmãs. Irmã Dolores e as postulantes fizeram e venderam pipoca. A festa rendeu para o Colégio Cr\$ 800,00 (oitocentos cruzeiros). Com o dinheiro arrecadado pela venda dos doces e das pipocas, as irmãs Stúrmia e Jutta compraram tintas e pintaram os cem bancos da escola, as mesinhas e as cadeirinhas do jardim.

Houve muita dança e comida, além da alegria da criançada. Na imagem, preto e branco, Figura 15, é possível observar a alegria da quadrilha dos alunos, todos vestidos de traje caipira e dançando no chão de terra. A festa aconteceu no período noturno e a falta de energia não deixa ver a escola ao fundo. As professoras dançavam junto com os alunos, sinalizando uma aproximação afetiva.



**Figura 15:** Festa Junina do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A observação praticada pelo fotógrafo registrou a tradição das festas juninas no interior da escola, privilegiando os trajes e as danças. A dança é o ápice da festa. Todos esperam para ver e também participar. O registro permite ver a confraternização promovida pelas tradições juninas.

Em uma pose preparada, na Figura 16, algumas crianças estão sentadas à frente da professora e dos colegas, outras, ao lado da professora e, mais atrás, ao fundo, fileiras de alunos e seus familiares, com um bebê no colo de um adulto.

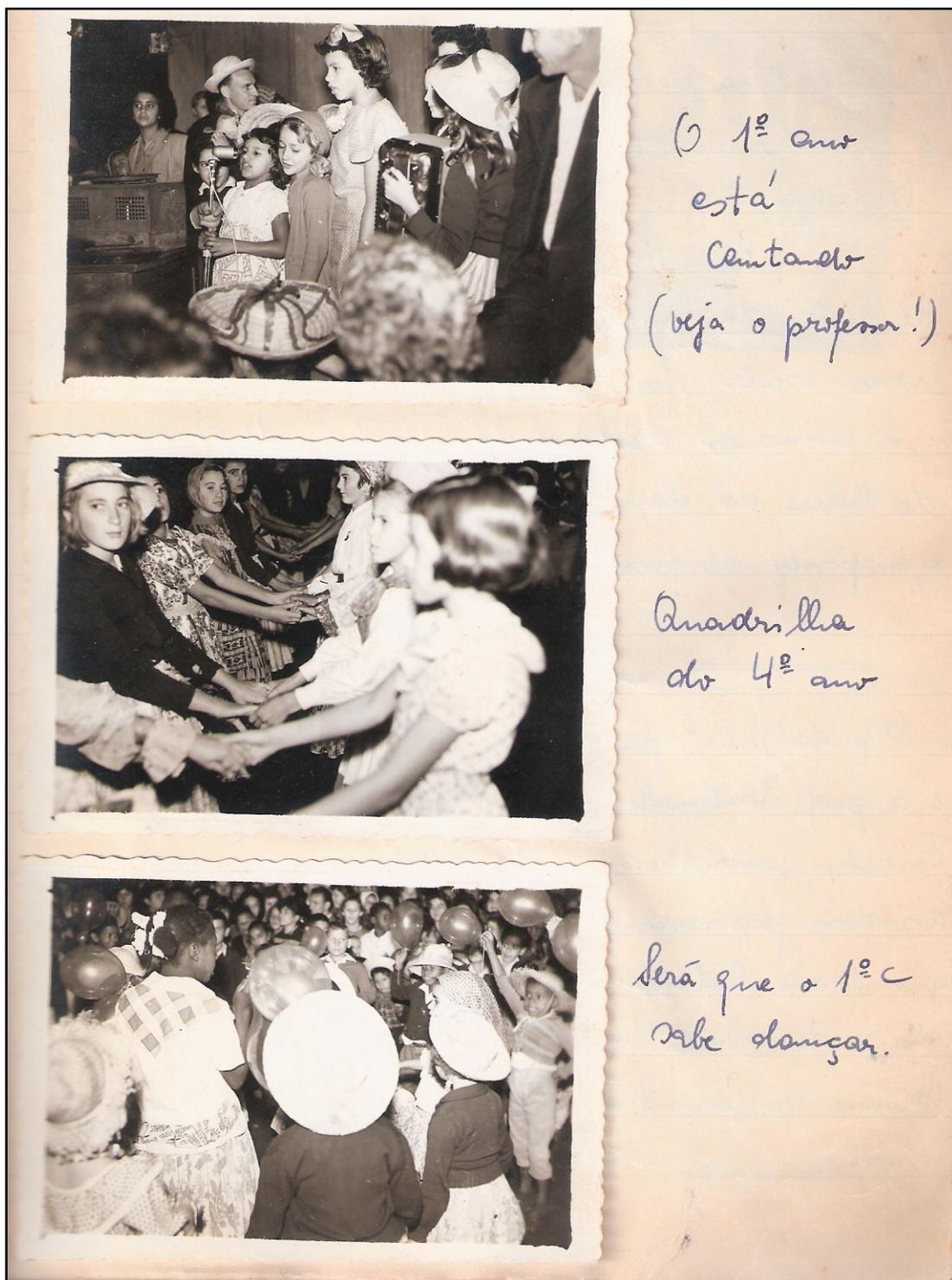


**Figura 16:** Alunos do Colégio Santo Inácio na Festa Junina  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

As crianças estão bem arrumadas, com suas roupas e chapéus. A imagem permite ver uma criança com roupas mais simples e não típica. Provavelmente, alguém com pouco recurso financeiro. Mesmo estando dispostos para serem fotografadas, algumas crianças se distraem olhando para outro lado.

O andamento da festa junina do colégio pode ser observado por meio da Figura 17. Pelas imagens, é possível perceber a animação das crianças. Na primeira foto, há várias crianças cantando e uma menina tocando sanfona. Na segunda, a quadrilha. De um lado, estão os meninos, e do outro, as meninas, todos estavam concentrados na coreografia. Na terceira foto, há muitas crianças,

uma grande parte delas está usando chapéu e com bexigas nas mãos. Nesta imagem, há várias crianças afro-descendentes.



**Figura 17:** Dança dos alunos na Festa Junina  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

Para os católicos, o mês de junho é de festa, pois se comemora o dia de três santos: Santo Antônio, São Pedro e São João, que motivam os festejos e a prática da festa junina. Segundo Gallego (2006, p. 4), “contrariando a ideia de que o tempo da festa é somente um tempo de descontração e divertimento, as festas escolares constituíam-se tempo de aprender”. Em outras palavras, nas festas, existe aprendizado e partilha, além da socialização das crianças. Para aprenderem uma coreografia, é preciso ensaiar, seguir o ritmo, ter regras de tempo e das marcações de passos, enfrentar o público, enfim romper com barreiras afetivas, emocionais e sociais. Além disso, os festejos juninos pertencem à cultura cristã católica.

Na festa junina de 1962, de acordo com a Figura 18, já se observam inovações. As crianças dançaram em cima de um tablado de madeira, com bandeirinhas acima de suas cabeças. Uma delas, por meio de sua vestimenta, representa um padre, que provavelmente deve ser o responsável pela realização do casamento caipira.



**Figura 18:** Quadrilha dos alunos na Festa Junina  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

Podemos perguntar por que as escolas adotaram as festas juninas em seu calendário escolar? Qual o significado desta festa para a cultura escolar? O que de tão importante se tem nessa festividade?

[...] as festas juninas passaram a ser uma das formas de inserção e diálogo da instituição escolar na comunidade para a qual ela existe. Em algumas, cidades, atualmente, as escolas são os únicos locais onde as festas juninas ainda são realizadas, uma vez que elas desapareceram [...] (CAMPOS, 2007, p. 593).

As festas promovem a comunicação entre as pessoas da comunidade e da instituição escolar, promovendo um elo de culturas que está presente em toda a sociedade. Em algumas cidades, as únicas festas juninas são as das instituições escolares e de algumas paróquias católicas que priorizam as festas para arrecadação de fundos para a instituição ou propriamente para a comunidade.

## 5.2 FORMATURAS

No final do ano letivo, como encerramento das atividades, acontece a formatura. A formatura é uma cerimônia formal, na qual ocorre a entrega de diplomas e muitas homenagens. Um rito de passagem. Associada à identidade social de faixa etária, a formatura escolar ganha legitimidade no imaginário coletivo como distinção de tempos diferenciados da vida. Ao discutir as festas que sinalizam o final do ano letivo, Bencostta (2010, p. 256) afirma que,

[...] festejar o final de ano letivo assumiu nitidamente a passagem para um novo tempo que distingue, delimita e organiza sua passagem sobre o tempo antigo. Legitimada ano após ano, esta celebração que separava o tempo do estudo daquele que anunciava as férias e o descanso, foi confirmada pela prática de seus participantes como espaço de manifestação de uma cultura escolar que situou contornos apropriados ao universo infantil.

A formatura situa-se entre os festejos de encerramento letivo. Contudo, ela delimita o avanço de etapas. Etapas da vida escolar que correspondem a etapas

etárias. É o avançar para outras fases e novas expectativas e responsabilidades. Ao marcar a passagem de um tempo para o outro, a formatura não é um elemento apenas da cultura escolar. Ela define valores, comportamentos e compromissos na sociedade. Ela legitima a trajetória realizada e lança as crianças e os adolescentes para outras etapas e desafios. E, desse rito, todos participam com sentimento de realização: professores, alunos, amigos e familiares.

A primeira formatura da Escola aconteceu no ano de 1958 e foi organizada pela professora Nadilla. Como autoridades, estavam presentes o Bispo Dom Jaime, como patrono, e o paraninfo foi o senhor Rubens, subgerente da Transparaná. Outras pessoas da comunidade estavam presentes, como pais, professores e as irmãs da escola. Também compareceram as irmãs do Ginásio Santa Cruz.

Após a primeira, inúmeras outras formaturas aconteceram. As primeiras, aconteceram dentro do colégio. Depois, com o aumento do número de formandos e de cursos, passaram a ser realizadas na sala de cinema do Cine Horizonte. A sala foi oferecida pelo seu proprietário, que tinha duas filhas que estudavam na escola.

Como patrono, em 1959, foi convidado o Bispo de Maringá, Dom Jaime, e, como paraninfo, o senhor Enio Pepino, chefe de Sinop<sup>1</sup>. Conforme a Figura 19, fazendo parte da solenidade, vê-se o diretor, Pe. Osvaldo Rambo, que fala ao microfone, compondo a mesa com as demais autoridades e irmãs. Ao lado da mesa, duas crianças segurando as bandeiras. Uma delas, a do lado esquerdo, segura a bandeira do Brasil, e a outra segura a bandeira do colégio. É possível observar também o grande número de pessoas que participavam desta solenidade. Eram pais e amigos que prestigiavam esses momentos.

---

<sup>1</sup> Sinop – empresa que existia na cidade naquela época.



**Figura 19:** Formatura dos alunos do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

Essa imagem, Figura 19, é de 1960, três anos após a fundação da escola. Ela foi registrada no início do mês de dezembro, no período da tarde, momento em que ocorreu, na sala do Cine Horizonte, a entrega dos diplomas. Muitos convidados, padrinhos, familiares e professores estiveram reunidos para essa grande festa de encerramento do ano letivo. Nesse ano, a roupa dos formandos era de cores diferenciadas. As crianças da pré-escola estavam com a cor rosa; as do 4º ano, com a cor branca, e as alunas do curso de corte e costura, com a cor azul clara. O diretor da escola, Pe. Osvaldo, convidou para compor a mesa o Bispo Dom Jaime Luiz Coelho; o prefeito João Paulino, que foi o paraninfo da turma; o Pe. Vigário, superior do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Maringá; a madre superiora da Congregação do Santo Nome de Maria, M. Soraplime; a diretora interna da escola, irmã Jutta, e os professores da escola.

É necessário ater-se aos aspectos que dão sentido às práticas escolares, como a presença de autoridades, a do prefeito, por exemplo, e a preparação do ambiente que, embora sem luxo, foi cuidado com detalhes. Um exemplo desses detalhes são as toalhas da mesa, trazidas da Alemanha pela Madre, e o arranjo de flores que decorava a mesa, não apenas com a preocupação de dar uma boa

recepção a todos os convidados, mas completar um conjunto de regras e etiquetas, com o propósito de atrair a atenção dos presentes, ganhando conformações de um ritual, conforme a Figura 20.



**Figura 20:** Autoridades e convidados na Formatura dos alunos do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

Pela imagem, é possível ver o prestígio do evento. O Cine Horizonte ficou lotado e, como se pode notar na Figura 21, no desenrolar da cerimônia de formatura, havia apresentações culturais das crianças. Os alunos do jardim de infância apresentam uma coreografia da música Tique-Taque e as meninas cantam e dançam a música da boneca Lili.



**Figura 21:** Apresentação dos alunos do Jardim de Infância do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

Com um lado engraçado e divertido, buscando alegrar todo o público presente, as crianças do jardim de Infância sempre encantam com as apresentações nas formaturas. As imagens mostram as crianças apresentando músicas ensaiadas e coreografadas.

Outros aspectos das festas de formatura podem ser observados na Figura 22, registrando, em 1961, a turma do 4º ano da professora Toshiko. As meninas enfileiradas com vestidos brancos e algumas segurando os diplomas. Alguns meninos estão dispostos no fundo, do lado direito, com faixas, e, do outro lado, estão algumas meninas com gravatas. Não se sabe porque estão vestidas diferentes. Será por que era uma solenidade? Por que não tinham todas as mesmas roupas? As faixas significavam as bandeiras do Brasil e do Paraná? Pode-s levantar diversas hipóteses sobre o sentido das faixas e das roupas, mas é possível identificar ao certo o que realmente queriam representar ou transmitir ao público.

No fundo, observa o símbolo da escola, com o monograma IHS. Este símbolo é usado pelos padres jesuítas desde Inácio de Loyola e significa “Jesus Salvador dos Homens”. Simboliza uma vida centrada em Jesus e sinaliza o pertencimento da escola aos Jesuítas. As irmãs da Congregação do Santo Nome de Maria não mudaram o símbolo, pois o ideal da congregação está centrado nas ideias de Santo Inácio de Loyola, que pertencia à Ordem dos Padres Jesuítas.



**Figura 22:** Formatura das alunas do Colégio Santo Inácio

**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A professora da turma está ao lado da primeira fileira. Todos os formandos utilizam o traje branco, ao fundo da imagem, algumas meninas com o uniforme de gala, vestindo saia, camisa branca e gravata azul. Os meninos, ao fundo, do lado esquerdo da imagem, utilizam faixas sobre as suas roupas. Por que será que os meninos utilizam faixas sobre as suas roupas? São os mesmos meninos que estão dispostos na foto da formatura das meninas. Por que será que eles aparecem nas duas imagens? São formandos? Fazem parte do grupo discente do colégio? São elementos que colocam em dúvida e fazem pensar o verdadeiro sentido das faixas e dos meninos nas imagens iconográficas da formatura.

Na Figura 23, observa-se a entrega de diplomas do 4º ano primário dos meninos, acompanhada pelo professor José Pupim. Os formandos vestiam camisa branca, gravata borboleta e calça social e seguram seus diplomas nas mãos. Alguns meninos ao fundo usam faixa, eles estão na imagem da turma das meninas, da qual não se identifica o sentido de estarem no fundo das imagens com as faixas. Vê-se, ainda, na imagem, algumas poucas meninas também ao fundo, com o uniforme de gala.



**Figura 23:** Formatura dos alunos do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

Para a comunidade escolar, a entrega dos diplomas encerra o ano letivo escolar, um ciclo. Outro tempo se iniciará seja em outro nível de ensino ou em outra faixa etária.

### 5.3 DIA DA ÁRVORE

Dentre as festas organizadas pelo Colégio, foi identificada a comemoração do Dia da Árvore ou Festa Anual das árvores. Vale lembrar que o Decreto

nº. 55.795, de 24 de fevereiro de 1965, do presidente Castello Branco, instituiu em todo o território nacional a Festa Anual das Árvores, em substituição ao chamado Dia da Árvore. O Decreto estabelece que o dia será comemorado na última semana de março, no Norte e Nordeste. Nas demais regiões do país, a comemoração será no dia 21 de setembro. A justificativa é de que o Brasil possui diferentes características fisiográfico-climáticas. Tendo em vista que a melhor forma de comemoração é plantando árvores, o mesmo deve ocorrer no período mais propício para o plantio, que é o chuvoso.

Essa comemoração possui um papel educacional efetivo, que assinala uma preocupação com a preservação da fauna e da flora. Na imagem abaixo, Figura 24, é possível observar a comemoração do dia da árvore, com a presença da irmã geral e da irmã assistente da Alemanha, que estavam visitando o Brasil. Na foto, as crianças estão uniformizadas e organizadas em um semicírculo. Ao fundo, a escola de madeira e, ao centro, o diretor externo da escola Padre Osvaldo, juntamente com as irmãs visitantes. Todos acompanham algumas crianças na plantação de árvores.



**Figura 24:** Comemoração do Dia da Árvore  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A fotografia permite observar a presença de um aluno negro, entre várias crianças brancas. Como afirma Dubois (1993, p. 25), “a foto é percebida como

uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS, 1993, p. 25). O fotógrafo, ao retratar a imagem, quis mostrar a importância deste acontecimento para o colégio, ao mesmo tempo em que valoriza a presença de autoridades que vieram conhecer o trabalho que estava sendo desenvolvido na escola. O evento em destaque é o plantio de árvores que irão servir de sombra para as crianças. Uma comemoração que se tornou uma tradição na cultura escolar. Como afirma Bencostta (2010, p. 251),

O Dia da Árvore e a Festa da Primavera foram, portanto, incorporados ao calendário festivo escolar que reproduziu, e reinventou com pequenas variações ao longo das décadas, momentos que se tornaram tradicionais, tais como o plantio de mudas, preleções alusivas a data, jogos, etc.

O autor destaca a importância do Dia da Árvore no calendário escolar, sendo uma festividade de grande relevância, introduzindo as crianças no plantio de mudas, atividade que se tornara tradicional no interior da escola.

#### 5.4 COMEMORAÇÕES CÍVICAS

O ato cívico era uma das atividades presentes nas escolas. O hasteamento da bandeira e o canto dos hinos eram práticas rotineiras. O aprendizado dos hinos e o respeito diante das bandeiras foram ensinamentos assumidos como tarefa pela escola. Gallego (2006, p. 5), ao se referir ao início da República, afirma que:

Era preciso fazer com que o povo amasse a pátria, seus heróis, comemorassem a era republicana: hinos, hasteamento da bandeira, pavilhão escolar, as músicas cujas letras faziam menção à pátria constituíram atividades decisivas na constituição da memória coletiva oficial.

O governo republicano buscou, nos bancos escolares o meio para criar o sentimento de identidade nacional e da memória da República. As escolas primárias e secundárias, por meio de um currículo que privilegiou datas e acontecimentos cívicos, lembrados por meio de festas, comemorações e desfiles, criaram a memória da República. Para Bittencourt (1990, p. 163-164);

As atividades programadas para a escola oficial compunham-se de comemorações relacionada às “datas nacionais”, de rituais para hasteamento da bandeira nacional e hinos pátrios além de uma série de outras festividades que foram englobadas sob o título de “cívicas”, compondo com as demais disciplinas o cotidiano escolar.

Nessa perspectiva pode-se compreender o caminho que as escolas percorreram na busca da construção de um imaginário popular republicano, pois, de acordo com Carvalho (1990), é por meio do imaginário que podemos atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração. As aspirações e esperanças são elevadas quando trabalhada a importância de participar dos desfiles e das chamadas fanfarras, promovidas pela instituição.

Embora Bittencourt (1990) e Carvalho (1990) tratem de outro momento histórico, é possível observar que essas intenções se prolongaram e estiveram presentes durante a década de 1960. Muito embora, após o Golpe Militar, outros contornos tenham sido assumidos, através da Figura 25, é possível observar essa prática no Colégio Paroquial Santo Inácio. A imagem foi tirada pelo fotógrafo de um ângulo que procurou privilegiar as bandeiras e as crianças. Os alunos estão uniformizados e em posição de sentido para cantarem o hino. Alguns alunos estão próximos às bandeiras. Observar-se a presença de meninas na imagem e a possível professora dos alunos no fundo. Na varanda da construção de madeira, a imagem da irmã, com o hábito preto, juntamente com alguns alunos.



**Figura 25:** Hasteamento das bandeiras  
**Fonte:** Arquivo digital do Colégio Santo Inácio.

As atividades cívicas intencionavam transmitir valores pátrios aos alunos, ao mesmo tempo em que buscavam disciplinar os corpos. Pela imagem, é possível perceber os alunos dispostos na mesma direção em posição de sentido, olhando para as bandeiras do Paraná e do Brasil. A constituição de filas, obedecendo a uma ordem de tamanho, revelam práticas que almejavam criar a disciplina e o ordenamento. Contudo, mesmo com toda a exigência de respeito a este ato, alguns alunos estão dispersos, contrariando o desejado.

Dentre as comemorações, o aniversário da cidade figurou entre os eventos cívicos. No dia 10 de maio, as escolas eram convocadas ao desfile do aniversário de Maringá. Para o desfile, havia ensaios que ficavam sob a responsabilidade do professor José Pupim. As irmãs Antonella e Jutta fizeram uma bandeira do Paraná para que as crianças pudessem carregar, e o professor confeccionou um mapa do Paraná cheio de flores na cor de ouro e uma rosa representava o município de Maringá. No desfile, havia premiações. O Colégio Paroquial Santo Inácio ficou em terceiro lugar. Após o desfile, foi celebrada uma missa pelo aniversário da cidade, por Dom Jaime, no ano de 1959.

A Figura 26 retrata o desfile em comemoração ao aniversário de Maringá no ano de 1959. As fotografias são menores, com imagens na cor preta e branca,

o chão do município não era asfaltado. As crianças se apresentam com roupas brancas. Alguns meninos estão de camisas brancas e calças escuras. Para o desfile, as crianças estão dispostas em fileiras. De um lado estão as meninas e, do outro, estão os meninos. As crianças com as bandeiras se apresentam ao centro das fileiras.



**Figura 26:** Desfile do aniversário de Maringá  
**Fonte:** Colégio Santo Inácio.

Esses desfiles e comemorações ganharam espaço no calendário das escolas primárias diferentes funções, sentidos e modos de comemorar são atribuídos a eles. Para Gallego (2006), as escolas não estavam somente

responsáveis pelo aprendizado dos conteúdos escolares, mas estavam encarregadas de uma função mais abrangente, que era ensinar formas adequadas de se comportar e agir em sociedade.

As escolas, ao serem postas a festejar as datas cívicas, de encerramento do ano ou de inauguração, acabaram por instaurar símbolos (bandeira, hinos etc.), referências e práticas sociais (como a importância da escolarização). Desconsiderar esse movimento de construção da cultura escolar é empobrecer as suas potencialidades analíticas (GALLEGO, 2006, p. 3).

Ao festejar datas e instituírem práticas cívicas em seu interior, a escola contribuiu para a instituição de práticas sociais, como, por exemplo, a execução do hino nacional e o respeito à bandeira. Por outro lado, essa cultura escolar acabou por instituir a importância da escolarização.

## 5.5 PRIMEIRA COMUNHÃO

A preparação para a primeira comunhão acontecia desde o início do ano letivo com as aulas de ensino religioso. Naquela época, a Escola Paroquial Santo Inácio também assumia este papel. As irmãs ministravam essas aulas e preparavam os alunos para este sacramento católico. A quantidade de alunos que realizavam a primeira comunhão era grande num contexto em que não havia restrições com relação à idade das crianças, mas havia a exigência de uma preparação catequética em que se aprendiam os preceitos da doutrina católica.

O colégio assumiu, como prática educativa, práticas do universo cultural católico. O papel da catequização das crianças nas disciplinas de Ensino Religioso, ministradas pelas irmãs, era aceita pelo padre da Igreja São José como preparação para a primeira comunhão.

Percebe-se que a atuação de Congregações Católicas em instituições escolares priorizou um ensino voltado para as tradições e costumes cristãos e católicos daqueles que as frequentavam. É possível associar a catequese dada

às crianças, no ambiente escolar, ao interesse de formar hábitos e costumes cristãos e católicos nos alunos.

Segundo Julia (2001, p. 22):

A cultura escolar desemboca aqui no remodelamento dos comportamentos, na profunda formação de caráter e das almas que passa por uma disciplina do corpo e por uma direção das consciências.

A primeira comunhão é um ritual católico. Todos, meninos e meninas, usavam roupas brancas, pois é o momento de união com Jesus Cristo. A sua alma e o seu corpo vão se unir a Jesus Cristo em Corpo, Sangue, Alma e Divindade. A roupa branca simboliza pureza. As crianças que não tinham roupas brancas ou que os pais não podiam comprar emprestavam-nas das irmãs.

A primeira comunhão possuía um ritual que deveria ser seguido. As crianças confessavam pela primeira vez quatro semanas antes da primeira comunhão, depois, um dia antes da grande festa, voltavam a se confessar. No dia da primeira comunhão, as crianças se reuniam na escola, onde formavam filas e iam em procissão cantando até a igreja.

Na frente da igreja, recebiam lanche. Pe. Vigário Francisco era quem rezava a missa. As crianças entravam na igreja com a vela na mão direita cantando a música "Tu amas as crianças". As irmãs Sturmia e Jutta conheciam este hino da Alemanha e trouxeram para as crianças ensaiarem e cantarem na Escola.

Ao entrarem na igreja cantando, os meninos ficavam no banco do lado direito e as meninas, do lado esquerdo. Outras crianças, representando anjos, entravam de vestido branco, asas e coroas no meio das demais. Nas laterais dos bancos, segurando lírios nas mãos, outras crianças entravam. Como é possível ver na Figura 27, as crianças, ajoelhadas, renovavam os votos do batismo e, em seguida, iniciava-se a santa missa.



**Figura 27:** Primeira Comunhão dos alunos do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.



**Figura 28:** Vista da Primeira Comunhão na Paróquia São José Operário  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

De acordo com a Figura 28, é possível observar do alto da imagem a igreja cheia de pessoas, tanto no fundo como nas laterais. Todos celebram a missa. Após a missa, as crianças pediam bênçãos e auxílio à Nossa Senhora cantando a música “Tu amas as crianças,” que fora escrita e ensaiada pela irmã Stúrmia.

Terminada a cerimônia religiosa, as crianças eram recebidas pela irmã Antonella, conforme a Figura 29. Nesse momento, cada criança ganhava um

prato de doce. É possível observar, nas imagens desta confraternização, que os meninos e as meninas estavam em mesas separadas. Todos muito bem organizados e disciplinados, de pé e dispostos nas mesas com toalhas e pratos brancos.



**Figura 29:** Confraternização dos alunos após a Primeira Comunhão  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

Imagens de anos diferentes desta confraternização evidenciam que a sua prática era comum (Figura 30).



**Figura 30:** Festa dos alunos após a Primeira Comunhão  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A imagem mostra ao fundo as bandeiras do Brasil e do Colégio Paroquial Santo Inácio. Também ao fundo, uma mesa formada por autoridades. Do lado direito, estão as meninas e, do outro, os meninos, evidenciando, mais uma vez, a divisão dos sexos no ambiente escolar. Assim, mesmo o colégio possuindo turmas mistas para o ensino regular, nas atividades extracurriculares acontecia uma divisão dos sexos.

Desde o início da fundação da escola havia a composição mista das turmas. Esta prática pode ser justificada pelo fato de a escola estar situada em um bairro operário muito populoso e ser a única escola da região. É importante registrar que as duas outras instituições confessionais católicas existentes na época não atendiam a co-educação dos sexos.

## 5.6 FESTA DE CORPUS CHRISTI

A comemoração do dia de Corpus Christi, nome que vem do latim e significa “Corpo de Cristo,” também era festejada na escola. Essa festa comemorada pela Igreja Católica tem por objetivo celebrar solenemente o ministério da Eucaristia, o Sacramento do Corpo e do sangue de Jesus Cristo.

Na Figura 31, é possível observar crianças. Todas são meninas, vestidas de anjos e dispostas em duas fileiras, ao lado, duas adolescentes com uniforme e véus sobre as cabeças. O chão enfeitado com desenhos e o símbolo da Ordem dos padres jesuítas. Ao fundo, uma escada que leva a um altar com muitas velas. Tudo preparado no pátio do colégio, que aparece ao fundo. A fotografia, com o foco centralizado, buscou privilegiar a visão de frente do altar, no momento em que as pessoas aguardavam, muito provavelmente, o início da celebração.



**Figura 31:** Corpo de Deus do Colégio Santo Inácio de 1964  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A imagem acima se complementa com outra. Logo abaixo, na Figura 32, com uma imagem mais ampla do altar. Ao fundo, o colégio com as alunas vestidas de anjos e as adolescentes em volta. Dos lados, os meninos seguram as bandeiras.



**Figura 32:** Alunos - Corpo de Deus do Colégio Santo Inácio  
**Fonte:** Crônica do Colégio Santo Inácio.

A festa de Corpus Christi é comemorada pelos colégios confessionais católicos. Nas imagens acima, percebe-se a presença dos alunos do colégio nessa importante festa para a Igreja Católica, comemorada com procissões. Era comum a Igreja celebrar a primeira comunhão das crianças nesse dia.

Por meio desta prática, a Escola Paroquial Santo Inácio transformou práticas do universo cultural católico em práticas educativas. Este movimento, por sua vez, construiu uma identidade própria ao seu fazer escolar.

## 6 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, busca-se contribuir com a construção da história da educação de Maringá, por meio da recuperação da memória e história de suas instituições escolares. A instituição escolhida para estudo foi a primeira escola confessional de ensino primário do Município de Maringá, a Escola Paroquial Santo Inácio.

Ao trabalhar com as imagens iconográficas como fonte, selecionei as que representavam as práticas e rituais festivos e comemorativos presentes na cultura da escola. Entendo que, recuperar a representação destas imagens é desvendar as práticas instituídas pela escola e que visaram a um tipo específico de formação dos alunos.

Dentre as diferentes festividades presentes na vida escolar, durante o ano letivo, são apresentadas as festas juninas, o Dia da Árvore, os desfiles e atos cívicos, as formaturas e a primeira comunhão realizada pelos alunos do Colégio Paroquial Santo Inácio, no período de 1957 a 1965.

Ao analisar as fotografias, foi necessária uma especial atenção quanto ao ângulo das imagens, o plano de fundo, os elementos retratados, pois tudo indica uma ação do fotógrafo que registrou a imagem com uma intenção. O registro da imagem é uma forma de fazer ver uma prática educativa presente na cultura da escola, deixando evidentes os elementos do espaço de atuação da escola capazes de produzir, nos sujeitos, uma identidade formativa.

A Escola Paroquial Santo Inácio iniciou suas atividades no ano de 1957, tendo como mantenedora as Irmãs da Congregação do Santo Nome de Maria, originadas da Alemanha. As irmãs vieram a pedido do Bispo de Maringá, Dom Jaime Luiz Coelho, para auxiliar nas atividades missionárias e de educação.

A Escola Paroquial Santo Inácio recebeu este nome porque se vinculou à Igreja católica da Paróquia São José Operário, fundada por padres jesuítas da Companhia de Jesus. Os padres jesuítas estiveram presentes durante toda a fase inicial de sua fundação e, em 1960, passaram-na, oficialmente, para as irmãs que

seguiram com a missão de oferecer uma formação integral aos alunos, com preparação intelectual e humana pautada nos princípios cristãos.

Ao construir uma narrativa histórica desta Instituição, foi possível observar que, em sua origem, ela buscou atender, também, crianças de baixo poder aquisitivo, com um espaço físico bastante simples, diferenciando-se de outras instituições de ensino católicas de Maringá. Localizada num bairro mais afastado, composto fundamentalmente de trabalhadores e pequenos comerciantes, a escola contou com apoio financeiro de muitos sujeitos. Ela funcionou com subvenção particular (algumas famílias pagavam), com apoio financeiro da ordem das Irmãs do Santo Nome de Maria, vindo da Alemanha, e o provimento de recursos do Estado, com o fornecimento de alguns de seus professores. O apoio financeiro de comerciantes do bairro, de religiosos e de religiosas, como, por exemplo, do Bispo da cidade, e recursos particulares da irmã diretora, da Companhia Melhoramentos, que cedeu terreno para a construção da escola, foram fundamentais para o seu desenvolvimento. Ela saltou, em apenas cinco anos, de uma pequena Escola Paroquial, com duas salas, para um prédio de dois andares e mais de seiscentos alunos.

Embora com objetivos diversos, o apoio financeiro de vários sujeitos deixa ver o interesse comum de todos pelo funcionamento da escola. A Escola Paroquial Santo Inácio, ao se instalar, oferecia ensino primário gratuito a muitos, em uma região carente de escola pública. A escassez de recursos e as condições precárias, muitas vezes descritas, não foram impedimento para a relativa rapidez com que as obras físicas foram erguidas e colocadas em funcionamento. Parece que havia uma urgência em criar condições para o funcionamento da missão das Irmãs do Santo Nome de Maria e da escola em particular.

Maringá se constituía em um município promissor para os desígnios da fé católica. Além do campo de trabalho educacional, foi formalizada a presença e a existência da Congregação do Santo Nome de Maria aqui por meio da fundação do noviciado Comunidade Rainha da Paz. A comunidade destina-se à formação de religiosas e também de leigos, como catequistas e catequizandos. Assim, as Filhas de Maria encontraram possibilidades concretas de fincar suas raízes no

Brasil, a partir de Maringá, ramificando, posteriormente, suas instituições-filhas, orientadas e subsidiadas pela instituição-mãe da Alemanha.

A educação católica tem uma presença marcante na história da educação do município. No final das décadas de 1950 e 1960, é possível observar que, juntamente com o desenvolvimento intelectual dos alunos, havia a preocupação em desenvolver também uma formação religiosa católica.

Ao falar da educação católica e de suas práticas educativas no período estudado, é necessário considerar o momento de transição experimentado pela Igreja Católica. A visão das irmãs e dos padres que estiveram à frente da escola é marcada por uma maneira considerada correta de viver. Embora as discussões do Concílio Vaticano II ainda não tivessem ocorrido de fato no momento de fundação da escola, as conferências foram realizadas entre 1962 e 1965, não se pode imaginar que os debates que mudaram a compreensão da Igreja sobre a sua presença no mundo moderno tenha se produzido nestes anos do Concílio. É justamente o contrário, foram as modificações processadas no mundo, as mais deferentes vivências da Igreja com diferentes culturas, por meio de suas missões, que levaram ao Concílio Vaticano II.

Assim, é nessa conjuntura de transição que se situa o início dos trabalhos das Irmãs do Santo Nome de Maria na Escola Paroquial Santo Inácio. A cultura da escola buscava meios de transmitir a fé católica, era também um local para se formar o cristão, filho de Deus. Nela, é possível observar um elemento característico da escola católica preconizado pelo Concílio Vaticano II. Aquela que, ao mesmo tempo em que desenvolve o lado intelectual, também desenvolve, nas crianças, o sentido cristão de filhos de Deus. O grande esforço seria ordenar os conhecimentos transmitidos da cultura humana ao projeto cristão.

A cultura escolar da escola católica difere das demais, pois ela deve se inspirar no evangelho. Assim, para além de cumprir as determinações legais, os programas e métodos, ela deve preocupar-se com o seu projeto de ensino que visa conduzir os alunos a um projeto educativo que se pensa como o meio de transmitir a mensagem de salvação cristã.

Em meio a práticas educativas comuns às demais escolas da época, como a comemoração do Dia da Árvore, a participação em desfiles, o hasteamento das

bandeiras e as festas juninas, outras práticas educativas despontam no interior da Escola Paroquial Santo Inácio. A realização da primeira comunhão e a comemoração do Corpus Christi, sinalizam a transformação de práticas próprias da cultura da Igreja católica em uma prática escolar.

Contudo, o universo cristão e católico está presente em todos os demais momentos das festividades e comemorações da escola. A presença das irmãs, dos padres jesuítas e do Bispo Dom Jaime Luiz Coelho, com suas vestimentas de distinção do público leigo, sinalizam, por si, a diferença deste espaço escolar dos demais. Da mesma maneira, as orações e missas realizadas nessas ocasiões deixam ver que o tempo de festa e comemoração também se constituía em um tempo de educar.

Naquelas ocasiões, as pessoas da comunidade, como amigos e familiares dos alunos, estavam presentes. Estabelecia-se uma comunicação com as pessoas da comunidade externa, ampliando as possibilidades de propagação dos fins do projeto de educação católica.

Os documentos analisados permitem perceber que a intenção de educar as crianças para manter a fé católica esteve presente. Pelas imagens analisadas das festividades, a escola configurou-se num espaço de transmissão da fé católica aos alunos, por meio da preparação das crianças para a primeira comunhão e de ritos do universo cultural católico, como a comemoração do Corpus Christi.

A Escola Paroquial Santo Inácio teve sua origem alicerçada numa paróquia jesuíta. Na história da educação do Brasil, a missão jesuíta teve uma atuação no plano catequético e educacional, ela buscou instruir as crianças para catequizar. A instrução primária, principalmente, era necessária, pois as crianças, para serem catequizadas, precisavam da orientação formal, o que na época era inacessível para muitos em Maringá.

A Escola Paroquial Santo Inácio configurou-se como um espaço de sociabilidade, de educação da mente e do espírito. Ela oferecia aos seus alunos uma estrutura que permitia o atendimento de outras necessidades, como a de formação profissional, por exemplo. A existência dos cursos de corte e costura é um vestígio revelador da preocupação destas educadoras com uma formação técnica que contribuía com a preparação para o trabalho. Outro ponto que as

imagens permitem ver seria o investimento em métodos mais ativos de aprender, identificados pela participação dos alunos nas atividades realizadas e nas condições de convivência criadas no espaço escolar. As imagens iconográficas do plantio de árvores, das comemorações cívicas, das festas juninas, do próprio pátio da escola permitem esta interpretação.

Fundada na filosofia de formação “jesuíta e mariana” e alicerçada nos valores da moral católica, a Escola Paroquial Santo Inácio constituiu-se em um espaço onde práticas mais tradicionais se misturaram às iniciativas de realização de atividades que primavam pela participação coletiva dos alunos. A preparação para os eventos públicos, como os recitais e as apresentações de final de ano, as formaturas, as festividades juninas, as comemorações cívicas e a presença massiva das crianças em momentos de visita do Bispo à escola, são alguns destes exemplos.

Obviamente, as imagens iconográficas das festas e comemorações da escola permitem observar o alinhamento dos acontecimentos cívicos e de aprendizado com o apelo catequético do universo propriamente católico, visto que ambas estavam igualmente inseridas no calendário comemorativo da Escola.

Ao encerrar esta pesquisa, tenho consciência de que o que finda é apenas uma etapa exigida pela academia. Muitos pontos aqui levantados merecem ser aprofundados, assim como outros precisarão vir à tona. Essas possibilidades acenam para a necessidade de continuidade da investigação. Contudo, embora de forma singela, espero que este trabalho, junto com outros que estão se desenvolvendo no Grupo de Pesquisa História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar, possa contribuir de forma efetiva para a construção da memória e história da educação de Maringá.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Manoel. Sistema católico de educação e ensino no Brasil: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n. 16, p. 209-228, set./dez. 2005.

BENCOSTTA, Marcus Levy. História da educação e cultura escolar: representações e imagens das festas escolares. In: VIDAL, D. G.; SCHWARTZ, C. M. (Org.). **História das Culturas Escolares no Brasil**. Vitória: Editora da UNESP, 2010. v. 4, p. 247-268.

\_\_\_\_\_. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. **História**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 397-411, jan./jun. 2011.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: KOTHE, Flávio; BENJAMIN, Walter (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1985. p. 219-241.

BITTENCOURT, Circe. As “tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, J.; NADAI, E. *et al.* **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 163-197.

BURKE, Peter. Como confiar em fotografias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 4 de fev. 2001, p. 13-14.

CAMPOS, Judas Tadeu de. Festas Juninas nas escolas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a15v2899.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

CAMPOS, Névio. O papel da imprensa no processo de organização do projeto formativo da igreja católica no Paraná (1926-1930). **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 259-277, maio/ago. 2010

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola**: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930). 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CRÔNICAS DO COLÉGIO SANTO INÁCIO... 1957-1987.

CRUZ, Afonso de Santa. **A alegria do sim**. Curitiba: Edições Rosário, 1990.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1993. Série Ofício de Arte e Forma.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

GALLEGO, Rita de Cássia. A integração de feriados, festas e comemorações cívicas no calendário das escolas primárias paulistas- uma discussão sobre seus sentidos (1890-1930). In: CONGRESSO LUSO- BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6. **Anais...** 2006, Goiânia, v.1, p. 1-10.

GAMEIRO, Roberto Valentim da Silva. **Princípios e valores dominantes na escola católica de educação básica no Brasil**. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Empresariais da FUMEC, Belo Horizonte.

GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Org.). **História da educação em perspectiva ensino, pesquisa e produção e novas instituições**. Campinas, São Paulo. Autores Associados, 2005.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

JUTTA, Irmã. **Memorial do Colégio Santo Inácio**. Maringá, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Atêlie editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. São Paulo: Campinas, Editora da UNICAMP, 1996. p. 423-484.

MAGALHÃES, Justino. História em educação em perspectiva ensino, pesquisa, produção e novas investigações. In: SOUZA, Cinthia Pereira de; CATANI; Denice Barbara (Org.). **A história das instituições educacionais em perspectiva**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. p. 91-104.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo. Editora Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda guardar. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 172-189, 1989.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PLENGEMEYER, Ir. Maria Marcella. **Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria**: história da Congregação. Arquivo pessoal da Biblioteca das Irmãs da Congregação do Santo Nome de Maria. Maringá, s./d.

POL, Milan; HLOUSKOVÁ, Lenka; NOVOTNÝ, PETER; ZOUNEK, Jiri. Em busca do conceito de cultura escolar: uma contribuição para as discussões actuais. **Revista Lusófona de Educação**, ano 10, p. 63-79, 2007.

RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.

ROCHA, Terezinha Sueli de Jesus. **A história da educação católica libertadora no Brasil durante as décadas de 1960, 1979 e 1980**. 2011. 134 f. Dissertação. (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

ROSSA, Leandro. Educação libertadora aspecto histórico. **Revista de Educação**, Brasília, DF: AEC do Brasil, v.17, n. 67, p. 7-16, jan./mar. 1988.

SCHAFFRATH, M. dos A. S. **A gênese do ensino normal em Maringá: estrutura e determinações**. Relatório Final de Pesquisas. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2003.

SENRA, Álvaro de Oliveira. **Matizes do privado: a AEC e a defesa da educação escolar católica Brasil (1945-1994)**. 2007. 125 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VIDAL, Diana Gonçalves. A fotografia como fonte para a historiografia educacional sobre o século XIX: uma primeira aproximação. In: FARIA FILHO, Luciano M. de (Org.). **Educação, modernidade e civilização**. Bahia: Autêntica, 1998. p. 73-89.

\_\_\_\_\_. **Culturas escolares: estudos sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005.